



REFLEXÃO

TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA

Vol. 3, No. 1 Agosto 2026
ISSN 2965-5234 (on-line)



betel brasileiro
CETEMIBB

Centro de
Educação
Teológica e
Missiológica

CENTRO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA BETEL BRASILEIRO

Diretora – Durvalina Barreto Bezerra

A Revista Reflexão Teológica e Missiológica (RTM) é uma publicação do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro. Os pontos de vista expressos nos artigos refletem o juízo dos autores, não representando necessariamente a posição da instituição. Os direitos de publicação desta revista são do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro.

Endereços

Rua Raul de Souza Costa, 790 Alto do Mateus, João Pessoa (PB).
Telefone (83) 9 9342.1913
Site: cetemibb.com
E-mail: contatocetemibb@gmail.com

Rua São Bento, 545, Primeira Sobreloja, Centro, São Paulo (SP)
Telefone (11) 95783-5788
Site: betelbrasileirosp.com.br
E-mail: secretariabetelsp@gmail.com

Endereço Eletrônico: <https://cetemibb.com/reflexao-teologica-missiolologica/>

Reflexão Teológica e Missiológica (RTM) – Estudos e pesquisas em Teologia e Missões v.3, n 1 – revista eletrônica (2026)

Semestral

ISSN 2965-5234 (Online)

1. Teologia 2. Espiritualidade 3. Missões

Editor chefe

Gedimar dos Santos Maia Junior

Conselho editorial

Daniel Mota

Joerley Orlando de Oliveira Cruz

Karoline Evangelista da Silva Paz

Paula Coatti Ferreira

Capa

Tamires Barbosa Seabra Maia

APRESENTAÇÃO

O Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro lança a revista *Reflexão Teológica e missiológica (RTM)* – Estudos e Pesquisas em Teologia e Missões de forma eletrônica.

O objetivo da Revista é oferecer à comunidade evangélica, principalmente aos estudantes e professores de seminários e escolas teológicas, artigos e estudos que contribuam para a reflexão e aprofundamento de temas do saber teológico e missiológico.

Ao longo dos anos, monografias, dissertações e teses têm sido produzidas em nossos Seminários e não queremos deixá-los apenas nas prateleiras das nossas bibliotecas, são conteúdos riquíssimos que precisam ser divulgados com vistas à edificação da igreja e à fomentação de pesquisas nas áreas teológica e missiológica. Por esse motivo, a equipe editorial da Revista dedica-se a selecionar e oferecer, a cada edição, uma nova gama de conhecimentos ao público que se interessa nos assuntos aqui elaborados e também está aberta a receber conteúdos de nossos ex-alunos e de teólogos e missiologistas que, embora não façam parte da comunidade betelina, comungam com a proposta das produções da Revista.

Temos o compromisso de manter nossos princípios e valores, e zelar por uma teologia bíblica e comprometida com a missão da igreja.

Agradecemos ao Prof. Me. Gedimar dos Santos M. Junior, editor-chefe, e a cada membro da equipe, que, de forma voluntária, se empenhou na conquista desse ideal do Betel Brasileiro.

Ao sublime Mestre Jesus, a glória e a honra!

Dra. Durvalina Barreto Bezerra
Direção

EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos ao leitor o volume III, nº 1, da revista Reflexão Teológica e Missiológica (RTM) em seu formato eletrônico. Nesta edição, são oferecidos três artigos e três resenhas de obras que versam sobre temas relacionados a missões, teologia bíblica e prática ministerial. As produções são fruto do trabalho de professores, alunos e parceiros convidados.

Nesta edição, o primeiro artigo, escrito pelo Me. Gedimar Junior, intitulado “*O que é um evangelho? Biografia teológica de Jesus Cristo*”, analisa a ressurreição de Jesus no Cristianismo e no Islã para combater a ideia pós-moderna de que ambas as religiões professam a mesma fé. Utilizando o “Método da Peneira” — que usa a Bíblia como filtro final —, o estudo evidencia as divergências entre as duas cosmovisões, fortalecendo a apologética e o evangelismo da igreja local.

O segundo artigo, escrito pelo Me. Leandro Santiago, “*Professores de EBD, a quem poderei compará-los?*”, analisa a pedagogia do professor da EBD por meio de cinco metáforas inspiradas no método parabólico de Jesus: contrasta três posturas inadequadas (agente penitenciário, garçom e psicólogo) com duas posturas ideais (guia turístico, que conduz com clareza à Palavra, e jardineiro, que cultiva o ambiente de ensino enquanto confia em Deus para o crescimento).

O último artigo, escrito pelo Me. Tiago Alves, “*Missões, tecnologia e o alcance global na formação de discípulos*”, analisa a relação entre missões e tecnologia, demonstrando como a internet e as ferramentas digitais impulsionam a formação global de discípulos e concluindo que a tecnologia pode ser usada para a glória de Deus na expansão do Seu Reino.

A seção de resenhas traz avaliações de três obras importantes para o contexto atual da igreja. O primeiro texto, escrito pelo Me. José Eduardo Gomes, é uma resenha da obra *Teologia da favela*, de Léo Maltrapilho. O segundo texto, escrito pelo Me. Lincoln Almeida Rodrigues, é uma resenha da obra *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*, de Tim Keller. Por fim, o Me. Wellington da Silva Barbosa apresenta uma resenha da obra *Produtividade redimida*, de Allen Porto.

Avançando com o compromisso da revista em fomentar reflexões a respeito da missão, da vida espiritual e da teologia, entregamos aos leitores esta primeira edição da revista *Reflexão Teológica e Missiológica* para a glória de Deus e para a edificação da sua igreja.

Gedimar dos Santos Maia Junior
Editor Chefe

SUMÁRIO

ARTIGO

A ressurreição de Jesus pela ótica islâmica e cristã.....	09
--	-----------

Me. Gedimar Maia Jr

Professores de EBD, a quem poderei compará-los?.....	25
---	-----------

Me. Leandro Santiago

Missões, tecnologia e o alcance global na formação de discípulos.....	34
--	-----------

Me. Tiago Alves

RESENHA

Teologia da favela (Léo Maltrapilho)	43
---	-----------

Me. José Eduardo Gomes

Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo. (Tim Keller)	46
---	-----------

Me. Lincoln Almeida Rodrigues

Produtividade redimida (Allen Porto)	49
---	-----------

Me. Wellington da Silva Barbosa

A ressurreição de Jesus pela ótica islâmica e cristã

Gedimar dos Santos Maia Junior¹

RESUMO

Este artigo aborda o tema da ressurreição de Jesus sob duas lentes religiosas distintas: a cristã e a islâmica. A pesquisa parte do problema da crença pós-moderna de que todas as religiões possuem a mesma verdade e levam a uma única divindade, um sincretismo que gera a falsa percepção de que cristãos e muçulmanos professam a mesma fé simplesmente porque ambas as tradições referenciam Jesus. Historicamente, esse fenômeno reflete as ameaças sincretistas enfrentadas pelo apóstolo Paulo em Colossos no primeiro século, permanecendo altamente relevante para a igreja contemporânea devido ao crescimento recente do Islã no Brasil. Para resolver esse problema, o artigo propõe uma abordagem metodológica denominada “Método da Peneira”, fundamentada no conceito etimológico e filosófico do termo “análise” como um processo de desconstrução e separação de elementos). Esse método utiliza a Sagrada Escritura como o instrumento avaliativo último para discernir e julgar cosmovisões externas. Por meio da análise teológica, o estudo contrasta a visão islâmica a cosmovisão bíblica. O estudo conclui que a compreensão dessas premissas divergentes é crucial para a apologética, para o diálogo inter-religioso e para equipar a igreja local a afirmar sua identidade teológica e cumprir seu mandato evangelístico.

PALAVRAS-CHAVE

Ressurreição;
Cristianismo; Islã;
Sincretismo; Método da
Peneira; Escritura.

Esse artigo tem o objetivo de trabalhar o tema da ressurreição à luz de duas lentes: a cristã e a islâmica. O problema que originou a pesquisa é a falsa crença pós-moderna de que todos os caminhos levam os indivíduos a um único “deus” e a ideia de que todas as religiões possuem a mesma verdade. Essas opiniões produzem uma imagem de um Deus que habita no topo de uma enorme montanha² e todas as avenidas, embora distintas, levariam os fiéis até Ele. Pensar assim seria o suficiente para concluir que tanto os islâmicos quanto os cristãos professam a mesma fé, pelo simples fato de crerem em Jesus, apesar de suas diferenças. Mas será que as Sagradas Escrituras realmente propõem essas conexões?

Carson e Moo (2024, p. 661), ao comentarem a carta de Paulo à igreja de Colosso, disseram: “em Colossenses havia uma mistura de ensinamentos judaicos e helenísticos. Esse sincretismo era característico do mundo antigo, o tipo de ensino que atraía pessoas do primeiro século”. Isso significa que o problema deste artigo nada mais é do que um movimento presente na história da igreja desde os tempos de Jesus. Trata-se, portanto, de um empreendimento atraente, mas totalmente perigoso e danoso. É contra isso que Paulo estava lutando em seu tempo, como disseram os comentaristas (2024, p. 662): “podemos estar razoavelmente seguros de que Paulo

¹ Bacharel em teologia (Betel Brasileiro), Mestre (ThM) em hermenêutica e exposição bíblica (Betel Brasileiro) e Mestre (Mdiv) em divindade (Martin Bucer).

² Uma adaptação da ilustração usada pelos autores BICKEL, Bruce; JANTZ, Stan. **Guia de seitas e religiões**. Uma visão panorâmica. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 11.

considera que os crentes de Colossos correm o risco do sincretismo popular e em parte escreve para protegê-los dessa ameaça”.

A igreja do século XXI ainda lida com os mesmos perigos enfrentados pelo apóstolo Paulo no primeiro século. Por isso, a pesquisa sobre a ressurreição de Jesus continua sendo relevante. Embora, aparentemente, as diferenças entre as visões islâmica e cristã sejam evidentes, do ponto de vista religioso há argumentos apresentados por ambos os lados. Conhecer esses argumentos é essencial para o diálogo e, sobretudo, para a defesa da fé cristã. Esse contraste será desenvolvido nas seções seguintes.

Por fim, para dar conta do objetivo, será proposto, neste artigo, um método descrito como “o método da peneira”. Acredita-se que essa imagem pode ser útil não apenas para o entendimento das visões, mas também para ajudar a identificá-las. O movimento islâmico tem crescido em certas regiões, e, em solo brasileiro, não tem sido diferente. Por isso, há a necessidade de não apenas informar os diferentes argumentos sobre a ressurreição de Jesus, mas também propor um caminho para que o cristão saiba, por si só, reconhecer as visões de mundo que o cercam e se posicione como um discípulo de Jesus, para a glória de Deus.

I. Apresentação do método

Proclo (1992, p. 165), um filósofo neoplatônico, afirmou: “O melhor método para remontar as partes de um princípio conhecido é o da análise.” Observa-se que a ideia central está em “remontar” um princípio conhecido. Além disso, para remontar um princípio, é necessário primeiro desmontá-lo. Platão, segundo Proclo, foi o pioneiro desse empreendimento.

A palavra **ανάλυσις** é composta por duas partes.³ A primeira é **ανὰ**- [*aná*], que significa “para cima” ou “de cima”; e **-λυσις** [*lysis*], que denota a ideia de “soltar”. Segundo o Dicionário etimológico, “o termo provavelmente tem sua origem no beneficiamento do trigo *in natura* que, quando triturado e jogado para o alto, permite separar os grãos da palha”.⁴ Nesse sentido, a análise consistiria em garantir que o trigo ficasse de um lado e a palha, de outro. Por fim, outro ponto interessante é que, antes de serem jogados para o alto, o trigo e a palha permaneciam juntos, supostamente dentro de um saco. Com isso, só existiria uma forma de separá-los: fazendo o movimento de soltar (*lysis*) de cima (*aná*) ou jogar (*lysis*) para cima (*aná*).

Outra figura interessante que pode ser utilizada para exemplificar o conceito de análise é o quebra-cabeça.⁵ Criado pelo inglês John Spilsbury, o quebra-cabeça tinha uma finalidade

³ O termo foi tirado no Online Etymology Dictionary em <https://www.etymonline.com/search?q=analysis&type=0> acessado no dia 27/02/2024

⁴ <https://www.dicionarioetimologico.com.br/analise/> Acessado no dia 27/02/2024

⁵ A figura do quebra cabeça representa bem o que Proclo disse no início dessa seção.

pedagógica: “no início da década de 1760, John Spilsbury⁶ teve a ideia de montar um mapa em uma placa fina de mogno (tipo de madeira, *acrécimo nosso*) e cortá-lo em pedaços ao longo do condado ou em outras fronteiras, para que as crianças o remontassem”.⁷ Pode-se imaginar que, para desmontar esse grande projeto (um quebra-cabeça de madeira), seria necessário pegar as partes, depois levantá-las (*aná*) e, por fim, soltá-las (*lysis*) de forma aleatória pelas regiões do condado.

Considere o seguinte cenário: uma pessoa compra dois quebra-cabeças e, ao tentar montá-los, decide soltar todas as peças do alto. O desafio da atividade se tornaria significativamente maior. Afinal, montar um quebra-cabeça já não é simples; dois, ao mesmo tempo, seriam ainda mais desafiadores. Da mesma forma, essa complexidade será percebida quando os argumentos sobre a ressurreição forem analisados sob as perspectivas do islamismo e do cristianismo.

Portanto, a análise é justamente isso: partindo de um princípio conhecido — todo joguinho de quebra-cabeça tem a imagem completa no fundo da caixa como referência — buscamos, por meio das partes, chegar ao resultado verdadeiro (a imagem completa). Aplicando essa imagem ao objeto da pesquisa, quando uma pessoa diz crer em Jesus, deve-se captar o máximo de pressupostos possíveis. Em seguida, pegá-los e soltá-los. Depois disso, ao analisar cada pressuposto, é necessário verificar se eles se encaixam no princípio conhecido (a pessoa do Deus Trino). Mas onde encontra-se esse princípio? Qual é o instrumento que o indivíduo usa para separar o trigo da palha? Ou, em outras palavras, os argumentos corretos dos incorretos? Esse será o assunto da próxima seção.

II. Apresentação da ferramenta

A pergunta em aberto deixa claro que a análise, por si só, não dá conta de separar o trigo da palha, muito menos os argumentos corretos dos incorretos. Diante disso, é necessário encontrar um instrumento que seja capaz de cumprir essa função. No contexto do trigo, esse instrumento poderia ser um garfo joeirador e uma peneira. O primeiro auxiliaria na remoção das palhas maiores, enquanto o refinamento ocorreria com o uso do segundo instrumento.⁸

A palavra “peneira” é citada na Sagrada Escritura. Em Amós 9.9, por exemplo, o profeta escreve o seguinte: “pois darei a ordem e sacudirei a nação de Israel entre todas as nações, tal como o trigo é abanado numa peneira (בִּנְבָרָה, *kebara*), e nem um grão cai na terra”.⁹ Considerando o contexto imediato, é possível interpretar esse trecho como um ato de julgamento, pois como disse

⁶ Cartógrafo britânico

⁷ In: <https://www.historytoday.com/archive/months-past/inventor-jigsaw-puzzle-dies> acessado no dia 27/02/2024 às 17hrs.

⁸ Apenas como curiosidade há um vídeo interessante que explica o processo da separação: <https://www.facebook.com/ibeadvivrealengo/videos/-li%C3%A7%C3%A3o-sobre-o-trigo-/222598839017426/> Acessado em 27/02/2024

⁹ Versão NVI

Klingbell (2011, p. 594): “não há nada bom em Israel para cair através da peneira, que é uma imagem da separação entre o mal e o bem”.

É interessante notar que o texto usa a peneira como figura de linguagem. Ela representa Deus e o objeto a ser peneirado é a nação de Israel. Nesse sentido, Deus identifica e julga Israel como disse Stuart (1988, p. 708):

A passagem de 1-10 está repleta de imagens que visa mostrar o controle de Yahweh em todos os espaços (v 2-4), em toda a natureza (v 5-6) e em todas as nações (v 7-10). Ele controla tudo e tem poder total; ninguém pode escapar de seu julgamento.

O conceito de “peneira” começa, então, a ganhar forma. As palavras de Stuart deixam claro que só Deus tem o poder de julgar. Se apenas Ele é capaz de executar essa tarefa, então sua vontade está revelada em Sua Palavra. A Escritura é a grande peneira que o cristão deve usar ao ouvir um muçulmano falar sobre Jesus. Caso contrário, poderá ser persuadido pelo critério de julgamento islâmico, representado pelo Alcorão.

A palavra “peneira” também aparece no Novo Testamento. Em Lucas 22.31-32, Jesus afirma: “Simão, Simão, Satanás vos pediu para peneirá-los (*σινιάσαι, siniazō*) como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não esmoreça; e, quando te converteres, fortalece teus irmãos”. Fuchs (2013, p. 405), ao comentar sobre esse verso, disse que: “Satanás desejava peneirar Simão Pedro como trigo, porém o Senhor intercedeu por ele e, por essa razão, a despeito de sua fraqueza, sua fé não foi destruída”.

Novamente, a Escritura usa a palavra no sentido figurado. No entanto, ao contrário do texto de Amós, aqui a peneira é representada pelo diabo. Mas, diante de Simão e de sua natureza impulsiva — vulnerável ao ataque de Satanás — aparece Jesus. Com isso, o poder do Deus Trino (a peneira verdadeira) suplanta o desejo do diabo (a peneira falsa) e protege Simão.

Assim como as Escrituras empregam o termo “peneira” em sentido figurado, este artigo também adotará essa linguagem simbólica. Em outras palavras, sempre que a expressão for utilizada, ela remeterá à Sagrada Escritura — a própria Palavra revelada e o poder de Deus. Mas por que adotar tal imagem? Para fundamentar essa abordagem, recorre-se às palavras de Hiebert (2016, p. 11):

A apresentação do auto de Natal havia terminado – ao menos era isso que eu pensava. Na igreja, em uma vila no sul da Índia, garotos vestidos como pastores subiram cambaleando no palco, como se estivessem muito bêbados, para a euforia do público. Naquela região, pastor era sinônimo de bêbado. Entretanto, quando os anjos apareceram detrás das cortinas, os pastores imediatamente ficaram sóbrios, e o momento hilário passou. Os magos chegaram ao palácio de Herodes buscando orientações, e a estrela os guiou até a manjedoura, onde Maria, José, os pastores, os próprios magos e os anjos se reuniram em torno do bebê Jesus. “A mensagem foi captada”, pensei. Então, de trás das cortinas surge o Papai Noel, o maior garoto daquele grupo, dando presentes de aniversário a

todos. Fiquei atordoado. O que deu errado? Meu primeiro pensamento foi “sincretismo”. Os cristãos da vila haviam misturado o cristianismo com o hinduísmo. Mas depois percebi que não era o caso. Os missionários haviam trazido àquelas pessoas tanto Cristo quanto Papai Noel. Então, por que fiquei perturbado? A mensagem do nascimento de Jesus evidentemente foi captada, bem como a mensagem do Papai Noel que trazia os presentes. O problema era que os moradores da vila tinham unido o que, em minha mente, eram dois tipos diferentes de Natal. Um deles estava centrado em Cristo: o clima era quente, havia árvores (palmeiras), animais (jumentos, vacas e ovelhas) e figurantes (Maria, José, os pastores e magos). O outro estava tocado no Papai Noel: o clima era frio, havia árvores (sempre-vivas), animais (coelhos, ursos e principalmente renas) e figurantes (Papai Noel, e os duendes). O que deu errado? De algum modo, a mensagem que os missionários anunciaram estava deturpada. As peças estavam todas ali, porém foram unidas de forma errada. Para entender essa confusão, precisamos perguntar: “O que é o evangelho?”.

Esse relato contribui para a resposta à pergunta anteriormente levantada: por que o termo “peneira” será utilizado como imagem da Sagrada Escritura? A cena descrita termina com uma sugestão significativa: “Para entender a confusão é necessário compreender o Evangelho¹⁰ (peneira)”. Assim, a Escritura será compreendida, neste artigo, como o instrumento fundamental, uma vez que é por meio dela que se estrutura a cosmovisão cristã — isto é, a compreensão do mundo, do homem e sobretudo de Jesus Cristo.

A seguir, será iniciada a análise teológica do tema da ressurreição. A premissa inicial é a seguinte: o indivíduo que professa fé em Jesus, mas não conhece o Evangelho — o poder de Deus —, encontra-se vulnerável a ser filtrado por outra cosmovisão, possivelmente por aquela operada por Satanás (cf. Lc 22.31–32). Diante disso, torna-se imprescindível recorrer à Sagrada Escritura como critério último para discernir, avaliar e julgar o que se vê e ouve de outras religiões.

III. A crença em Jesus: uma perspectiva islâmica

Tanto os cristãos quanto os muçulmanos atribuem importância à figura de Jesus.¹¹ Tarif Khalidi,¹² em sua obra *The Muslim Jesus*, afirma que “a tradição literária islâmica do período pré-moderno contém centenas de ditos e histórias sobre Jesus” (KHALIDI, 2001, p. 1). Diante dessa vasta produção textual, alguns estudiosos utilizam a expressão “evangelho muçulmano” para se referirem a tais escritos. O próprio Khalidi assim os denomina: “Ao referir-me a este corpo de literatura, usarei doravante a expressão “evangelho muçulmano”” (2001, p. 1). Trata-se, portanto, de uma perspectiva religiosa que, embora distinta da tradição cristã, reconhece o papel significativo de Jesus na história.

¹⁰ Para saber mais sobre o conceito do Evangelho, leia a obra: ORTLUND, Ray. O Evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.

¹¹ Kuyper chegou a dizer que: “o Islã estima Jesus mais do que muitos cristãos modernos.” In: KUYPER, Abraham. On islam. Collected Works in Public Theology. Bellingham, WA: Lexham Press, 2017, p. 52.12 Historiador palestino.

¹² Historiador palestino.

Entre os diversos escritos considerados sagrados no islã, destaca-se o Alcorão como o mais importante. Schirmacher (2017, p. 37), uma importante estudiosa do islã, observa: “para os islâmicos, o Alcorão declara ser a Palavra eterna de Deus, a única revelação pura”. Essa revelação trata de uma ampla gama de temas, incluindo a figura de Jesus.¹³

Diante disso, surge uma questão fundamental: como identificar as convergências e divergências entre a cristologia islâmica e a cristologia bíblica? A resposta está no exercício da análise teológica. Contudo, essa análise não deve ser conduzida apenas com base na razão humana ou na leitura de fontes humanas. A leitura dos textos islâmicos, ainda que necessária, deve ser acompanhada de um critério revelacional: é a partir do Evangelho que se deve examinar o entendimento islâmico acerca de Jesus.

IV. A ressurreição de Jesus na perspectiva islâmica

O tema da ressurreição, na tradição cristã, constitui um dos fundamentos centrais da fé em Cristo. Conforme afirmou o apóstolo Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1Co 15.14).¹⁴ Nesse sentido, a vitória de Jesus sobre a morte representa o *clímax* do anúncio evangélico. No entanto, surge a indagação: o que afirma a tradição islâmica acerca da ressurreição? Tal questionamento constitui o primeiro eixo de análise desta seção.

A tradição islâmica professa a fé na ressurreição. Na sura 2:174 do Alcorão, diz o seguinte:

E aqueles que ocultam o que Alá fez descer do Livro e o vendem por uma ninharia, não ingerem em seus ventres senão fogo, e Alá não irá falar com eles no Dia da Ressurreição, nem os purificará, e haverá para eles um doloroso castigo.

﴿١٧٤﴾ إِنَّ الَّذِينَ يَكْتُمُونَ مَا أَنْزَلَ اللَّهُ مِنَ الْكِتَابِ وَيَشْتَرُونَ بِهِ ثَمَنًا قَلِيلًا ۖ أُولَٰئِكَ مَا يَأْكُلُونَ فِي بُطُونِهِمْ إِلَّا النَّارَ وَلَا يُكَلِّمُهُمُ اللَّهُ يَوْمَ الْقِيَامَةِ وَلَا يُزَكِّيهِمْ وَلَهُمْ عَذَابٌ أَلِيمٌ

Reynolds, importante historiador britânico e estudioso do islamismo, produziu um comentário sobre o Alcorão. Ao analisar este verso, ele (2018, p. 80) afirmou que: “o Alcorão acusa os judeus de terem escondido a verdade sobre a revelação divina”. O termo árabe *أُفَيَامَة* (*al-Qiyāmah*, o Dia da Ressurreição), presente neste verso, é um tema secundário e estritamente escatológico. A ênfase, no verso, está na ação de Alá contra os judeus: “eles não ouvirão a voz de Deus e, por consequência, não ressuscitarão”. Portanto, como fica evidente neste trecho, não há nenhuma relação direta entre a ressurreição e Jesus.

¹³ De acordo com Schirmacher, a pessoa de Jesus aparece em 15 suratas e 93 versículos. In: (2017, p. 147)

¹⁴ Versão ARA21

A palavra ressurreição também aparece na surata 3:55:

Alá disse: Ó Jesus, estou a completar a tua vida, a elevar-te para Mim e a libertar-te dos incrédulos. E farei com que aqueles que te seguem sejam superiores aos incrédulos, até ao dia da ressurreição. Então, a Mim retornareis, e Eu julgarei entre vós as vossas disputas.

﴿٥٥﴾ إِذْ قَالَ اللَّهُ يَا عِيسَى ابْنِ مَرْيَمَ **مُتَوَفِّيكَ** وَرَافِعُكَ إِلَيَّ ۖ وَمُطَهِّرُكَ مِنَ الَّذِينَ كَفَرُوا وَجَاعِلُ الَّذِينَ اتَّبَعُوكَ فَوْقَ الَّذِينَ كَفَرُوا إِلَى يَوْمِ الْقِيَامَةِ ۖ ثُمَّ إِلَيَّ مَرْجِعُكُمْ فَأَحْكُمُ بَيْنَكُمْ فِيمَا كُنْتُمْ فِيهِ تَخْتَلِفُونَ

No referido verso, encontra-se o termo árabe **مُتَوَفِّيكَ** (*tawaffi*), que significa a ação de uma pessoa que retira a alma do corpo para si mesma. Conforme aponta Reynolds (2018, p. 123), “este termo é regularmente empregado no Alcorão para descrever a forma como Deus separa a alma do corpo na morte, representando o fato de que Alá pode tirar a vida de um homem para si”.

Contudo, seria adequado concluir que este trecho se refere à morte e à ressurreição de Jesus? Embora alguns muçulmanos assim interpretem (*ibidem*, 2018, p. 123), a grande maioria rejeita essa ideia, afirmando, inclusive, que Jesus não foi crucificado.

Na segunda parte da surata 3:55, observa-se novamente a utilização do termo “ressurreição” associado ao juízo final. Trata-se de um evento futuro, que ainda não se concretizou. Embora haja uma referência respeitosa à pessoa de Jesus — conhecido no Islã como ‘Īsā — a tradição islâmica majoritariamente sustenta que ele não morreu, conforme afirmado na surata 4:157:

E por terem dito: “matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Alá.” Na verdade, não o mataram, nem o crucificaram, mas pareceu-lhes que o fizeram. Aqueles que discordam dele estão em dúvida sobre isso. Eles não têm conhecimento disso, a não ser seguindo suposições. É certo que não o mataram.¹⁵

﴿١٥٧﴾ وَقَوْلِهِمْ إِنَّا قَتَلْنَا الْمَسِيحَ عِيسَى ابْنَ مَرْيَمَ رَسُولَ اللَّهِ ۚ وَمَا قَتَلُوهُ وَمَا صَلَبُوهُ وَلَكِنْ شُبِّهَ لَهُمْ ۚ وَإِنَّ الَّذِينَ اخْتَلَفُوا فِيهِ لَفِي شَكٍّ مِنْهُ ۚ مَا لَهُمْ بِهِ مِنْ عِلْمٍ إِلَّا اتِّبَاعَ الظَّنِّ ۚ وَمَا قَتَلُوهُ يَقِينًا

Encerra-se aqui, a análise de um aspecto específico da crença islâmica a respeito de Jesus. O objetivo foi introduzir e problematizar um tema que, à luz da tradição cristã, ocupa posição central: a morte e ressurreição de Cristo. No entanto, uma pergunta ainda permanece: por que, segundo o Islã, Jesus não morreu? Essa será a questão teológica investigada na próxima seção.

IV. Por que Jesus não ressuscitou? Analisando os argumentos islâmicos

Proclo (1992, p. 165) afirmou que “o melhor método para remontar as partes de um princípio conhecido é o da análise”. Neste caso, o *princípio de referência* será a confissão de fé islâmica

¹⁵ Todas as suratas foram tiradas de <https://www.corequran.com> Acessado no dia 28/02/2024.

na pessoa de Jesus Cristo. As peças que serão desmontadas e analisadas, envolvem afirmações centrais da tradição islâmica:

- Deus não é Pai;
- Jesus não é Filho;
- Jesus não é Deus.

Portanto, a presente seção tem como propósito investigar essas proposições.

Deus não é pai

A leitura do Alcorão revela que, nas suras, não há fundamento para a concepção de que Alá seja um ser pessoal. Pelo contrário, conforme observa Schirmacher (2017, p. 97), “ele está completamente separado de sua criação e não pode ser comparado de modo algum com nenhum dos seres criados.” Diante dessa concepção estritamente transcendente e impessoal da divindade islâmica, é pertinente perguntar: como seria possível chamá-lo de Pai?

A concepção de Deus como Pai apresenta sérias dificuldades no interior da teologia islâmica. Para alguns pensadores muçulmanos, como Fazlur Rahman¹⁶ (1994, p. 6–7), a ênfase cristã no amor e no autossacrifício divino compromete o amadurecimento moral do ser humano. O autor afirma: “as ideologias religiosas que colocam toda a ênfase no amor e no autossacrifício de Deus por causa dos seus filhos têm prestado pouco serviço à maturidade moral do homem.” Nesse sentido, a teologia islâmica rejeita a ideia de filiação espiritual entre Deus e os homens, pois, do seu ponto de vista, depender de uma figura paterna indica imaturidade ética e espiritual.

A negação da paternidade divina no Islã não implica a negação dos atributos essenciais de Alá. Pelo contrário, o Alcorão afirma: “Não há nada semelhante a Ele. Tudo ouve e tudo vê” (Surata 42:11); e ainda: “Ele é Alá, o Único, o Eterno. Não gerou e não foi gerado” (Surata 112:1-2). Diante dessas afirmações, compreende-se que a concepção relacional entre Deus como Pai e Jesus como Filho — tão central na teologia cristã — está ausente na tradição islâmica. A transcendência absoluta de Alá exclui qualquer possibilidade de filiação divina no sentido revelado nas Escrituras cristãs.

Jesus não é filho

Na Surata 9.30-31, lemos: “E os judeus disseram: ‘Ezra (Esdras?) é filho de Alá’, e os cristãos disseram: “‘Cristo é o filho de Alá’”. Isto é o que eles disseram com as suas próprias bocas, imitando o que ouviram dos incrédulos de antemão.” Essa passagem não apenas reforça a negação corânica da filiação divina de Jesus, mas também revela a forma como Maomé caracterizou tal

¹⁶ Professor de islamismo na University of Chicag

doutrina: como um eco da incredulidade. A menção direta aos judeus e cristãos demonstra uma rejeição explícita da concepção trinitária e da cristologia adotada pelo cristianismo histórico.

A crença na figura de Jesus está presente e evidente na tradição islâmica. No entanto, qualquer tentativa de estabelecer uma relação entre Deus e outro ser — como no caso da filiação divina de Cristo — é considerada heresia. Ibrahim (p. 97), renomado estudioso do islamismo, ao examinar essa questão, aprofunda ainda mais a caracterização do herege segundo a perspectiva islâmica:

É por isso que os intérpretes muçulmanos, do passado e do presente acreditam que estes versículos descrevem os judeus e os cristãos como associados. Assim, embora o Alcorão não seja rigorosamente claro, a maioria acusa os judeus e os cristãos de estarem associando parceiros à divindade.

Em termos teológicos islâmicos, a razão pela qual Jesus não é reconhecido como Filho de Deus está diretamente ligada à negação de sua divindade — tema que será aprofundado a seguir. Schirmacher (2017, p. 157) observa que “o dogma cristão da filiação divina de Jesus viola o conceito muçulmano da natureza especial e unicidade de Alá”. Para a tradição islâmica, sustentar a doutrina de um Deus triúno constitui a mais grave das heresias (*shirk*). Desse modo, o Jesus apresentado no Alcorão não mantém qualquer relação ontológica com Alá e, por conseguinte, não pode ser considerado seu Filho.

Jesus não é Deus

Se, conforme a tradição islâmica, Jesus não é o Filho de Deus, então quem Ele é? Nesse contexto, Jesus (Isa) é compreendido como um profeta plenamente submisso a Deus, isto é, um muçulmano. Meshall e Pirbhai (2011, p. 232) afirmam: “na tradição islâmica, Jesus é apenas um muçulmano”. Tal concepção se desdobra em uma releitura de sua vida e missão. Akyol (2017, p. 154) observa que “o Alcorão não ensina que Jesus foi tentado no deserto, que agonizou no Getsêmani ou que foi julgado no tribunal de Pilatos. Ele não ensina isso porque Jesus não é o personagem central da Torá”. Em outras palavras, embora Jesus seja citado como um mensageiro importante, a tradição islâmica o desvincula completamente de qualquer relação ontológica ou filial com Deus, tal como sustentado pela doutrina cristã.

Ao tratar da teologia islâmica, Cabral (2003, p. 117) afirma que Jesus é visto como um profeta pertencente à mesma linhagem dos enviados anteriores, culminando em Maomé: “Maomé é considerado o último dos profetas, aquele que veio depois de Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus. Nesse caso, nega a Jesus todos os atributos e conceitos que o cristianismo lhe dá ou atribui.” Dentro dessa perspectiva, qualquer tentativa de atribuir a Jesus uma natureza divina é completamente rejeitada pela ortodoxia islâmica. Essa rejeição pode ser percebida com clareza no testemunho de conversão de Rifqa Bary (2016, p. 30), ao relatar sua experiência pessoal como ex-muçulmana:

[Segundo os muçulmanos, *acrécimo nosso*] se Jesus é Deus como dizem os cristãos, por que Ele não pôde salvar a si mesmo? Ha! Ha! Ha! Essas pessoas se enganam, pensando que um homem poderia ser Deus. Isso é uma estupidez! Até um cachorro faria algo melhor do que acreditar nesse absurdo.

Portanto, conforme discutido nesta seção, as razões pelas quais os muçulmanos não creem na ressurreição de Jesus estão diretamente relacionadas à sua compreensão sobre a identidade de Cristo. Para a teologia islâmica, Jesus não é Deus, tampouco o Filho enviado por Ele. Qualquer afirmação nesse sentido é considerada uma grave heresia, uma vez que implica atribuir parceiros ou semelhantes a Alá — o que contradiz frontalmente o princípio da *tawhīd*, isto é, da unicidade divina. Além disso, a concepção cristã de Deus como Pai é vista, sob a ótica islâmica, como uma ideia antropomórfica e teologicamente inadequada. Assim, Jesus é compreendido como um importante profeta, mas não como uma manifestação da divindade. Ele é valorizado na história da revelação, porém permanece subordinado a Alá, sem compartilhar de sua essência divina.

V. Peneirando as proposições islâmicas com a Escritura Sagrada

Com base na análise da tradição muçulmana, torna-se evidente que, embora exista uma referência à figura de Jesus no islamismo, essa representação diverge substancialmente daquela professada pela fé cristã. Surge, então, uma questão central: como discernir com clareza tais diferenças? A hipótese aqui sustentada é que toda análise teológica precisa ser realizada à luz das Escrituras, entendidas como a “peneira” — metáfora adotada neste estudo — por meio da qual os discursos e argumentos sobre Jesus devem ser examinados. Nesta seção final, o objetivo será justamente confrontar os principais elementos da cristologia islâmica com o ensino bíblico, a fim de destacar as distinções essenciais entre essas duas cosmovisões. Espera-se, com isso, incentivar o leitor a cultivar o discernimento teológico e aplicar esse critério sempre que confrontado com discursos que envolvem a fé em Jesus Cristo.

A Escritura nos ensina que Cristo ressuscitou

A ressurreição representa o ponto culminante da fé cristã, pois, sem este evento, a crença em Cristo seria desprovida de fundamento, reduzindo-se a mera fantasia. Ao abordar essa temática, o apóstolo Paulo dirigiu-se à igreja de Corinto, que se encontrava cercada por discursos de indivíduos interessados em conquistar seguidores e apoio. Conforme ressalta Vang (2018, p. 5), “o ambiente vibrante de Corinto e a possibilidade de avanço social para empreendedores geraram uma cultura de autopromoção e orgulho, que os cristãos tinham dificuldade em distinguir da fé cristã”. Tal cenário evidencia a carência da habilidade de discernir — ou ‘peneirar’ — as influências externas à luz da mensagem genuína do Evangelho. Em contraposição, Paulo orientou os coríntios a fixarem o olhar em Cristo, tendo a ressurreição como um dos temas centrais de sua pregação.

Ao comentar o capítulo 15, Vang (2018, p. 200) afirmou que ele “funciona como o ápice da exposição teológica do apóstolo”. Isso indica que a única razão capaz de direcionar o olhar daquele povo para Cristo estava intrinsicamente ligada ao evento da morte e ressurreição de Jesus. Nesse contexto, todas as orientações e ensinamentos sugeridos nos capítulos anteriores — como a unidade (1.10-17), a maturidade (3.1-15), a confiança no julgamento divino (4.1-5), a condenação das práticas imorais (5-6), as diretrizes para a vida familiar (7), os conselhos contra a idolatria (10.14), as orientações litúrgicas (11), o exercício dos dons espirituais (12-14) e a prática do amor (13) — somente adquiriram sentido existencial por meio da fé na obra redentora de Cristo. Portanto, para aquele que professa a fé em Jesus, uma das razões centrais — senão a principal — é a afirmação de que Ele pagou pelos pecados da humanidade mediante sua morte e ressurreição.

A morte de Jesus não constituiu o desfecho de Sua missão redentora. Cleopas, uma das testemunhas dos acontecimentos, demonstrava ainda não compreender plenamente a obra consumada do Salvador e, entristecido, caminhava pela estrada. Todavia, o próprio Jesus, aquele que havia morrido, revelou-se a ele e indagou acerca do tema da conversa que este mantinha com outro companheiro de jornada. Cleopas então confessou sua tristeza e frustração, pois, embora o Messias tivesse apresentado indícios de que redimiria Israel, naquele momento encontrava-se morto. Em resposta, Jesus repreendeu-os dizendo: “Como vocês são insensatos e tardam a crer em tudo o que os profetas disseram! Não era necessário que o Cristo sofresse e entrasse na sua glória?” (Lucas 24.25-26, NAA). Em seguida, Jesus procedeu à análise das premissas de seus interlocutores por meio das Escrituras: “E, começando por Moisés e todos os Profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (Lucas 24.27, NAA). Por fim, Jesus se revelou visivelmente a Cleopas e aos que estavam com ele, e depois desapareceu (Lucas 24.29-31, NAA).

Portanto, há apenas um critério infalível para julgar os discursos que nos rodeiam: a Santa Escritura. O próprio Jesus aplicou essa “peneira”, distinguindo as falsas crenças por meio da mensagem autêntica do Evangelho. A verdade fundamental acerca do Messias é que Ele não apenas morreu, mas ressuscitou, confirmando assim a vitória definitiva sobre a morte.

A Escritura ensina que Deus é pai

Imagine um muçulmano diante de você, ouvindo falar sobre a ressurreição de Jesus. Até este ponto, já é possível identificar que o Jesus professado por ele não é o mesmo, pois, para o muçulmano, Jesus não morreu, enquanto para o cristão Jesus não apenas morreu, mas venceu a morte. É plausível supor que esse interlocutor encontre dificuldades para aceitar essa verdade, dificuldades essas enraizadas em premissas fundamentais de sua fé, quais sejam: Alá não é Pai, Jesus não é seu Filho e, em hipótese alguma, Jesus é Deus.

Diante desse cenário, torna-se evidente a importância da análise criteriosa. A partir do momento em que reconhecemos as peças do quebra-cabeça, podemos proceder à montagem e à explicação de cada elemento, sempre em contraste com sua referência bíblica. Dessa forma, será apresentado a primeira razão pela qual o cristianismo sustenta a crença na ressurreição de Jesus.

No primeiro livro da Sagrada Escritura, logo após o relato da queda, Deus decreta que a semente da mulher esmagará a semente da serpente (Gn 3.15). Esse episódio, conforme observa Ferreira (2022, p. 219), é conhecido como o protoevangelho (*protoevangelium*), caracterizado como uma aliança incondicional. Surge, então, a questão: quem seria essa semente e quem seria seu Pai? No episódio envolvendo Abraão e Isaque, vislumbra-se um Pai presente e amoroso, pois somente Ele poderia prover o cordeiro solicitado pelo menino (Gn 22.7-8). No momento culminante dessa narrativa, o anjo do Senhor interrompe a ação de Abraão que prestava-se a sacrificar Isaque (Gn 22.11). Aliviados, ambos retornam, e Abraão nomeia aquele lugar de “O Senhor proverá” (Gn 22.14). A indagação permanece: o que, de fato, Deus proveria?

Ainda no Antigo Testamento, Deus revela-se como Pai de seu povo: “Dirás a Faraó: Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito” (Êxodo 4.22). À luz do contexto, observa-se que a paternidade divina está intimamente ligada ao seu ato redentor. Se antes havia providenciado a salvação de Isaque, agora, preparava-se para libertar Israel, seu povo. Assim, o Antigo Testamento apresenta com clareza a figura de Deus como Pai. Um exemplo adicional é encontrado na oração de Isaías: “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai; nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; todos nós somos obra das tuas mãos” (Isaías 64.8).

No Novo Testamento, há múltiplas ocorrências nas quais Deus é apresentado como Pai. Um exemplo emblemático é encontrado na narrativa do batismo de Jesus, ocasião em que a voz do próprio Deus declara: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Marcos 1.11, ARA). Nessa passagem, a filiação divina de Jesus é afirmada publicamente. Conforme observa Stein (2022, p. 73), “para Marcos e seus leitores, a resposta era óbvia, pois o Evangelho todo é sobre ‘Jesus Cristo, o Filho de Deus’”. Essa identidade messiânica, proclamada no início do Evangelho, permanece como um tema recorrente até o seu encerramento. Assim, desde o batismo até os eventos finais da crucificação e ressurreição, Marcos apresenta Jesus consistentemente como o Filho de Deus.

O próprio Cristo referiu-se a Deus como Pai em diversas ocasiões. Um exemplo marcante ocorre no contexto do chamado ao discipulado, registrado em Marcos 8.34-38. Após ensinar sobre a necessidade de tomar a cruz, Jesus conclui: “Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8.38, ARA). Ao

comentar esta passagem, Stein (2022, p. 500) observa: “A referência ao ‘Filho do Homem’ vindo ‘na glória de seu Pai’ vincula intimamente esse título ao título ‘Filho de Deus’”. Ou seja, ao falar de sua vinda escatológica “na glória de seu Pai”, Jesus reivindica sua filiação divina, reafirmando sua identidade como o Filho de Deus.

Por fim, a própria tradição apostólica reconhece e afirma a paternidade de Deus. Hoehner (p. 149) observa que “o conceito de Deus como Pai é utilizado apenas quinze vezes no Antigo Testamento, mas aparece mais de 260 vezes no Novo Testamento, das quais 45 vezes estão nas cartas de Paulo”. Um exemplo claro encontra-se na saudação inicial da epístola aos Efésios, na qual o apóstolo declara: “Graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Ef 1.2, ARA). Nesta breve declaração, evidencia-se tanto a relação filial entre Deus e Jesus quanto a extensão dessa paternidade à comunidade dos crentes. Assim, Paulo testemunha a centralidade do conceito de Deus como Pai tanto cristológica quanto eclesiológicamente.

Diversas passagens bíblicas atestam a realidade de Deus como Pai. Nesta seção, viu-se que, ao contrário da tradição islâmica — que defende uma concepção negativa da paternidade divina, entendendo-a como teologicamente inadequada —, a tradição cristã a reconhece como uma expressão essencial do cuidado providencial de Deus e como o fundamento da identidade espiritual do crente. Para o cristianismo, a paternidade de Deus não implica dependência infantil, mas representa a segurança, o amor e a autoridade que sustentam a fé e a vida do discípulo de Cristo.

A Escritura ensina que Jesus é filho

Outro ponto teológico negado pela tradição islâmica é a filiação divina de Jesus. O Evangelho de João se destaca como uma das principais fontes neotestamentárias para esse aspecto da identidade cristológica. Já no primeiro capítulo, essa verdade é expressa na confissão de Natanael: “Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” (João 1.49, ARA). Dois elementos são teologicamente significativos nesse versículo: primeiro, o reconhecimento explícito de Jesus como o Filho de Deus; segundo a associação de sua identidade messiânica com o título “Rei de Israel”, um povo que, conforme o Antigo Testamento (cf. Êx 4.22), também é descrito como filho de Deus. Essa relação reforça a singularidade da filiação divina de Cristo, que transcende a paternidade nacional atribuída a Israel.

No capítulo 15 do Evangelho de João, no contexto do discurso sobre a videira e os ramos, Jesus afirma: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer” (João 15.15, ARA). Nesse versículo, Cristo manifesta claramente sua missão revelacional: transmitir ao mundo aquilo que recebeu do Pai — revelação que, por sua vez, aponta para a sua própria identidade messiânica e divina. Diante disso, torna-se problemático aceitar discursos que, ao serem

analisados sob a luz do Evangelho, revelam uma negação da filiação divina de Jesus. Portanto, o simples ato de professar fé em Cristo não é suficiente. É imperativo que se avaliem os conteúdos teológicos dos discursos à luz da Escritura, utilizando-a como “peneira” reveladora da verdade. Só assim será possível discernir quais elementos passam pelo crivo da ortodoxia bíblica e quais devem ser rejeitados.

A Escritura ensina que Jesus é Deus

A última peça analisada no discurso islâmico sobre Jesus refere-se à sua divindade. Em contraposição a essa visão, o apóstolo João declara de forma categórica: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” (João 1.1-2, ARA). Desde a abertura de seu Evangelho, João afirma que Jesus é eterno, coexistente com o Pai e plenamente divino. Ao identificar Jesus como o Verbo (**λόγος**, *lógos*), João não apenas o apresenta como mediador da revelação, mas como o próprio Deus que dá sentido à existência.

Essa afirmação é aprofundada no versículo 14 da mesma perícopa: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. A doutrina da encarnação é aqui central: o Deus eterno entrou no mundo criado, assumindo natureza humana sem deixar de ser Deus.

Tal ensino contrasta diretamente com a perspectiva islâmica, que vê Jesus como um profeta honrado, mas nega sua divindade. Para a fé cristã, no entanto, a identidade divina de Cristo é o fundamento da redenção. Negar sua divindade é, conseqüentemente, comprometer o próprio Evangelho.

O apóstolo Paulo, conhecido como o pregador dos gentios, também apresenta um importante ensinamento acerca da divindade de Jesus, conforme registrado em Filipenses 2.5-11 (Almeida Revista e Atualizada):

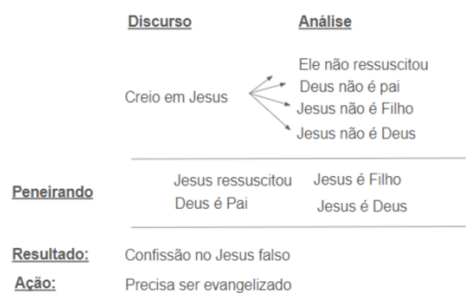
Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Os destinatários da epístola aos filipenses foram instruídos a reconhecer que Jesus não é meramente um enviado de Deus, mas é consubstancial e igual a Ele. Portanto, Cristo não pode ser colocado em equivalência com figuras como Moisés, Noé ou Maomé, conforme defendido na tradição islâmica. De fato, nenhuma outra pessoa se compara a Ele em natureza e posição. Para aprofundar esta compreensão, atentemos à parte final do texto em Filipenses 2.5-11.

Considerações finais

Diante da multiplicidade de discursos acerca da fé cristã, é incumbência dos cristãos exercer a análise e a avaliação criteriosa das crenças apresentadas. Nesse sentido, retomamos a questão central que norteou este artigo: como discernir as diferenças entre as crenças? Embora a resposta tenha sido inicialmente proposta, este estudo contribuiu significativamente para sua aplicação prática. Reconhece-se que nem todas as premissas, mesmo as mais comuns, são evidentes quando submetidas ao exame crítico. Atualmente, observa-se uma tendência maior em considerar todos como “irmãos em Cristo” do que em submeter suas crenças à avaliação rigorosa à luz da Palavra inspirada.

Jonathan Leeman (2016, p. 23), em sua obra *Membresia na Igreja*, afirma: “Toda autoridade no céu e na terra foi dada a Jesus, e ele deu a sua igreja autoridade para marchar entre as nações”. Tal afirmação implica que, munidos da ferramenta adequada, cabe à igreja posicionar-se no meio dos povos e culturas. Ademais, o fundamento da autoridade conferida reside na santa Palavra de Deus. Ao avaliarmos a realidade à luz das Escrituras, adotamos uma perspectiva transcendente sobre o mundo que nos rodeia. Este tem sido o propósito fundamental do presente estudo. A seguir, apresenta-se um resumo sistemático do empreendimento aqui realizado:



Considerando o conceito apresentado, é fundamental afirmar que Cristo conferiu à igreja o “poder das chaves”, atribuindo-lhe a autoridade para admitir ou excluir membros da comunidade eclesíastica. De fato, este é o ponto central da obra de Leeman (2016, p. 28), que afirma: “Jesus instituiu a igreja local dando a ela o ‘poder das chaves’, o que significa, de maneira específica, que a igreja pode afastar uma pessoa de sua membresia”.

Quando analisamos por meio de perguntas as crenças de fé e após isso julgamos todas as respostas com as Sagradas Escrituras, conseguiremos perceber que tipo de trabalho faremos com a pessoa confessante. Em nosso caso, a diferença da tradição já seria o suficiente para evangelizá-lo. Porém, da mesma forma que queremos evangelizar, o outro lado busca fazer o mesmo. Eis aí, a importância de analisar e peneirar os argumentos daqueles que estão diante de nós.

O artigo foi recebido em: 20/05/2026 e aprovado em: 10/06/2026.

Referências bibliográficas

- AKYOL, Mustafa. *The Islamic Jesus: How the King of the Jews Became a Prophet of the Muslims*. St. Martin's Press, 2017.
- BARY, Rifqa. *Hiding in the Light. Why I Risked Everything to Leave Islam and Follow Jesus*. Colorado: WaterBrook, 2015.
- CABRAL, José. *Religiões, seitas e heresias á luz da Bíblia*. São Caetano do Sul, São Paulo: Scripturae Publicações, 2003,
- FUCHS, E. In KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Orgs.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013, p. 405.
- FERREIRA, Franklin. *Por amor de Sião*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022.
- HIEBERT, Paul G. *Transformando cosmovisões. Uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.
- HOEHNER, Harold W. *Efésios Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- IBRAHIM, Ayman S. *A concise guide to the quran. Answering Thirty Critical Questions*. Michigam: Baker Academic, 2020.
- KLINGBEIL, G. A. In V ANGEMEREN, W. A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2011
- KHALIDI, Tarif. *The Muslim Jesus: Sayings and Stories in Islamic Literature*. London: Havard University Press, 2001.
- LEEMAN, Jonathan. *Membresia na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- MESHAL, Reem A; PIRBHAI, M. Reza. *Islamic Perspectives on Jesus Reem*. In: BURKETT, Delbert. *The Blackwell Companion to Jesus*. Blackwell Publishing: 2011, p.232-249.
- PROCLO, *A commentary on the first book of Euclid's Elements*. New Jersey: Princeton University, 1992.
- REYNOLDS, Gabriel Said. *The Qur'an and the Bible Text and Commentary*. Yale University Press, 2018.
- RAHMAN, Fazlur. *Major Themes of the Qur'na*. Chigago: University of Chicago Press, 1994.
- SCHIRRMACHER, Christine. *Entenda o islã. História, crenças, política, charia e visão sobre o cristianismo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.
- STUART, Douglas. *Hosea-Jonah. Word Biblical Commentary*. Volume 31. Grand Rapids, Michigan: Zondervan. 1988.
- STEIN, Robert. *Comentário Exegético Marcos*. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- VANG, Preben. *1 Coríntios. Comentário expositivo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.

Professores de EBD, a quem poderei compará-los?

Leandro Santiago Emmerick¹

RESUMO

O artigo discute o papel do professor da Escola Bíblica Dominical (EBD) a partir do uso de figuras imagéticas, defendendo que comparações e metáforas facilitam a compreensão, o engajamento e a aprendizagem. Inspirado no ensino de Jesus por meio de parábolas, o autor compara o professor de EBD a cinco profissões: agente penitenciário, garçom, guia turístico, jardineiro e psicólogo. Cada comparação evidencia atitudes pedagógicas inadequadas ou desejáveis no ensino bíblico. O professor-agente penitenciário prioriza o controle e a disciplina excessiva, inibindo o diálogo e o pensamento crítico, o que compromete a aprendizagem. O professor-garçom, embora cordial, trata o aluno como cliente, limitando seu crescimento espiritual e intelectual. O professor-psicólogo valoriza excessivamente o bem-estar pessoal e as experiências individuais, correndo o risco de reduzir a Bíblia a um manual de autoajuda. Em contraste, o professor-guia turístico e o professor-jardineiro são apresentados como modelos ideais. O primeiro orienta os alunos com objetivos claros, conduzindo-os à compreensão profunda da Palavra. O segundo reconhece que o crescimento vem de Deus, mas cuida do ambiente de aprendizagem, acompanha o desenvolvimento dos alunos e adapta estratégias conforme suas necessidades.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Cristã;
Escola Bíblica; Didática;
Metodologias; Ensino.

O uso de figuras imagéticas² “*está nas bases da cognição e toda comunicação passa por algum tipo de processo metafórico*”³. O princípio básico da comunicação é que o emissor envie sua mensagem de forma clara para o receptor, e este a receba sem ruídos ou sem perda de informação. Nesse processo, o uso de figuras imagéticas auxilia o entendimento de conceitos complexos, o desenvolvimento da capacidade cognitiva e um maior interesse do ouvinte. No livro *As Parábolas de Lucas*, Bailey⁴ afirma que uma parábola é mais que uma ilustração elucidadora de uma verdade abstrata, é, na realidade, uma confrontação dramática que obriga a mente a sair de seu conforto para inúmeras direções e reagir.

Assim, neste artigo, inspirado pela pergunta de Jesus diante dos galileus (Mt 11.16) proponho algumas comparações entre os professores de Escola Bíblica Dominical (EBD) e algumas profissões comuns em nossos dias de modo a explicitar algumas atitudes equivocadas

¹ O autor é mestre e doutor em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC-Fiocruz). É professor de Educação Cristã do Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro em Niterói/RJ e ministro de Educação Cristã na Primeira Igreja Batista em Santa Luzia (São Gonçalo/RJ). E-mail: leandrosemmerick@gmail.com. Agradeço ao colega Wellington da Silva Barbosa pela revisão e incentivo.

² Figuras imagéticas são um grupo de figuras de linguagem, do qual pertencem a comparação, imagem, metáfora e alegoria, que visam despertar e provocar a imaginação do leitor.

³ LEGROSKI, Marina Chiara. **Definindo metáfora**. Revista Polidisciplinar eletrônica da Faculdade de Guairacá, v.2., dez 2009., p. 16

⁴ BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. São Paulo – SP: Editora Vida Nova. 1985. 3ª edição.

por parte dos professores e incentivar atitudes que contribuam melhor para a aprendizagem dos alunos. Qual delas você acredita que mais se assemelha ao trabalho do professor de EBD?

I. O agente penitenciário

O agente penitenciário é responsável por “manter a ordem, disciplina, custódia e vigilância a detentos, além de serviços de natureza policial como apreensões de ilícitos, revistas pessoais, controle de rebeliões, assim como em movimentações diversas” (JusBrasil, 2016).

De forma simplificada, o professor que mantém seus alunos em sala de aula, sobre rígida disciplina, controlando suas necessidades fisiológicas (idas ao bebedouro e ao banheiro), fiscalizando seu comportamento, monitorando conversas paralelas, apreendendo celulares e outros objetos, age como um agente penitenciário. A aprendizagem é quase nenhuma e os alunos anseiam pelo fim da aula, quando terão sua liberdade condicional – afinal, voltarão na semana seguinte. Os alunos desse tipo de professor geralmente são crianças, que foram trazidas pelos seus pais à classe, mas que não gostariam de estar ali. Muitas vezes adultos também se submetem a esse tipo de professor, pois foram coagidos pela liderança a frequentar a EBD ou foram convencidos de que é melhor participar desta classe do que fazer outra atividade não eclesialística no mesmo horário.

Michel Foucault aponta que na sociedade moderna o poder deixou de ser centralizado no rei para estar disperso na sociedade, deixou de ser punitivo para ser produtivo. Ou seja, ele desenvolveu o conceito de poder disciplinar, um tipo de poder cujo objetivo é produzir uma individualidade, e um corpo que seja dócil e útil economicamente⁵. Antes o soberano era evidenciado, exercendo domínio sobre seus súditos; mas na sociedade moderna, o cidadão é evidenciado e sobre ele incide a disciplina⁶.

Infelizmente, essa atitude se verifica em muitas classes de EBD. Os alunos foram adestrados a concordarem em tudo com seus professores, de modo que discordar e fazer perguntas atrapalha o andamento da classe, e aquele que o faz é evidenciado, sofrendo repressão (ainda que discreta) pelos seus próprios irmãos e, muitas vezes, pelo professor. Assim, os alunos de uma classe de EBD aprenderam a concordar com tudo, passando despercebidos, portanto, sem sofrer nenhuma sanção – e, infelizmente, com um aprendizado muito pequeno.

No entanto, essa atitude está na contramão da aprendizagem. A exposição de ideias contrárias, em primeiro lugar, evidencia as concepções que o aluno tem sobre determinado tema.

⁵ DIOGO, Adriana Mendes; SAITO, Mairin Imoto. **O poder disciplinar de Michel Foucault**. Algumas interpretações. Lab Didático - USP ensina Sociologia, 2014.

⁶ PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **O corpo educado**. A escola como dispositivo disciplinador na sociedade de controle. REDISCO. Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, 2013 p. 68-77

Sem essa informação o professor não gastará tempo em desconstruir ideias equivocadas e tão pouco em provar seu argumento, mas apenas apresentará um ponto de vista.

Em segundo lugar, ao expor uma ideia contrária um debate está armado. Através do debate, os alunos podem exercitar a criatividade, o raciocínio lógico e a quebra de paradigmas⁷, bem como construir habilidade argumentativa, tornando-os, mais ativos na sociedade e na igreja e dispostos a discutir questões das mais diversas áreas⁸.

Um debate é uma metodologia ativa de aprendizagem. Métodos ativos são de grande ajuda, pois tiram os alunos do lugar de meros espectadores e consumidores para o lugar de ação na construção do seu conhecimento. Além disso, o uso de métodos ativos aumenta a motivação dos alunos, é paciente com os ritmos de aprendizagem dos alunos, dialoga com a realidade de cada aluno, favorece o trabalho em equipe, incentiva a criatividade e inovação, torna o professor mais sensível e retira-lhe a altivez de sua posição⁹. A esse respeito, Hendricks¹⁰ afirma em sua “Lei da atividade: quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume do conteúdo aprendido”.

II. O garçom

“O garçom é o profissional que recebe e guia os clientes até suas mesas, apresentando o cardápio, anotando os pedidos e servindo os alimentos; ele proporciona uma experiência agradável e precisa estar atento às necessidades dos clientes” (Quero Bolsa, 2023 – garçom).

Esse tipo de professor entende que a razão dele existir é o aluno. Tudo gira em torno do aluno: ele precisa se sentir bem, ter “uma experiência agradável”. Ele chega antes, arruma a sala, é paciente e cortês e tem sua sugestão para a aula. Os alunos gostam desse professor, afinal quem não gosta de ser servido? Porém, o professor cristão não é servo de seus alunos, mas de Cristo (1 Pe 2.9; 2 Pe 1.1). É verdade que o serviço a Deus é exercido em grande parte no serviço às pessoas (Mc 10.45; 1 Pe 5.2-3; 1 Pe 4.10-11), mas sob as ordens e direção de Deus (At 5.29). E, ao alimentar uma postura de cliente (daquele que é servido) em seus alunos, o professor garçom contribui não para o crescimento, mas para a estagnação de seus alunos – “quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros” (Mt 20.26).

⁷ SHIPLEY, C. M.; CANN, M.M.; HILDEBRAND, J.; MITCHEL, G.T. **Síntese de métodos didáticos**. Porto Alegre – RS: Globo, 1969.

⁸ UNIVERSIA. **Professor desenvolva a criticidade de seus alunos**. Universia, Orientação acadêmica, 15 abr 2020. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacion-academica/professor-desenvolva-criticidade-dos-seus-alunos-1136597.html>. Acesso em: 14 jan 2024

⁹ DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema vol 14, nº 1, pág. 268 a 288. 2017.

¹⁰ HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Curitiba – PR: Editora Betânia. 2015. 2ª edição.

Muitas vezes os alunos discordam da lição a ser estudada, aí, este professor argumenta: “eu concordo com você, mas sou apenas um professor. Se não está satisfeito reclame com o pastor. É ele que escolhe a revista”. Em outras palavras: “Quer que chame o gerente? Eu sou apenas o garçom”. O professor garçom não prepara o conteúdo que oferece, ele apenas o transporta. Ele não despendeu tempo e energia no preparo do estudo, o estudo não confrontou suas atitudes ou o encorajou a viver a fé. Não. Ele apenas transmite aquilo que foi vivenciado por outro. Ensinar para muitos desses professores se resume a ler a revista e os textos bíblicos na hora da aula. Contra isso, Paulo exorta os mestres: “o que ensina, esmere-se no fazê-lo” (Rm 12:7 ARA).

Voltando a questão das metodologias ativas, o professor garçom dificilmente passa tarefas de casa ou escala um aluno para dar a aula em seu lugar. De jeito nenhum, não é assim que se trata o cliente. Ao invés de estimular, ele dificulta o acesso do aluno ao conteúdo. O aluno deixa de “comer em casa, afinal ele não sabe cozinhar direito, demora muito e suja tudo, e passa a se alimentar apenas no restaurante”. O professor fica cada vez mais num patamar difícil de alcançar – apenas ele cresce e não seus alunos. O ego do professor garçom é alimentado e a autoestima dos clientes é destruída. “Eu nunca conseguirei dar uma aula como meu professor”, pensa o aluno. E isso se reflete no restante das atividades da igreja. Se ele não pode dar uma aula, também não pode atuar na secretaria, tesouraria, louvor e demais ministérios. Assim, o corpo que deveria crescer unido fica desfigurado e, muitas vezes, o orgulho alimentado nesse professor é o prenúncio de sua queda (Pv 16.18).

III. O guia turístico

Se você já teve a oportunidade de visitar um local turístico sem um guia e depois refez o passeio com um bom guia turístico, acredito que irá entender bem essa comparação. “Um guia de turismo é responsável por fornecer informações sobre a história, geografia, cultura, gastronomia e outras características do lugar visitado, de forma a enriquecer a experiência do turista. Ele deve estar sempre atualizado sobre as novidades e eventos da região, bem como possuir habilidades de comunicação e liderança para garantir que o grupo de turistas tenha uma experiência agradável e segura durante todo o passeio.” (Quero Bolsa, 2023 – guia de turismo).

O aluno desse tipo de professor entende que o professor não é o mais importante, e sim o conteúdo. Ele poderia ler a Bíblia sozinho em casa, mas prefere estar com seu professor, pois, assim, aprende muito mais, percebe detalhes que dificilmente veria sozinho, faz conexões que extrapolam o texto estudado, recebe orientações para ampliar sua experiência de aprendizado. Esse tipo de professor sabe ouvir o aluno e está atento as suas dúvidas, mas também sabe o que é mais interessante e importante, e guia seu aluno a olhar na direção certa. Ele mescla momentos de falar

com períodos em que os alunos observam por conta própria o texto bíblico. Ele não é apenas simpático, mas é um conhecedor do assunto e admirador da Palavra de Deus.

Coleman Jr.¹¹ exemplifica o papel do professor da seguinte maneira:

O professor serve de guia, ele mostra o caminho, coloca o aluno na trilha certa, informa-o quando ele envereda pelo caminho errado, chama a sua atenção para os pontos de referência e leva-o a sentir-se satisfeito quando chega ao destino... Ele não diz ao visitante: 'Sei tudo sobre esta cidade; já você a desconhece por completo. Por isso, fique aqui, que eu a visito por você'... O professor não diz: 'Olhe, sei muito sobre a Bíblia e você sabe muito pouco. Então, deixe que eu estudo e aprendo, e quando formos estudá-la juntos eu lhe conto o que sei'... O guia, com frequência, diz coisas como: 'Não, não vamos seguir por aquela rua; sigamos por esta.' Quando ao preparar uma lição, o professor decide-se por uma determinada meta de ensino/aprendizagem, ele está dizendo na realidade: 'Tomaremos este rumo na aula de hoje, e não aquele outro.' A seleção de metas faz parte da sua função de guia".

O professor guia não apenas apresenta uma verdade aos seus alunos, ele escolhe o melhor caminho para que essa verdade seja plenamente entendida, apreendida e praticada por cada um.

No salmo 25, Davi faz alusão ao Senhor como um guia e relaciona isso com a função de professor: "Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas; guia-me com a tua verdade e ensina-me, pois, tu és Deus, meu Salvador, e a minha esperança está em ti o tempo todo... Conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho" (Sl 25.4-5, 9, *grifo pessoal*).

Perdida no País das Maravilhas, Alice¹² pergunta ao gato qual caminho seguir e o gato responde "se você não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve". Assim agem muitos professores nas igrejas: leem uma passagem bíblica e deixam a turma guiar as discussões, sem chegar a lugar nenhum e sendo surpreendidos pelo término do horário da aula. Mas o professor Guia turístico tem objetivos bem definidos. Quem visita o Rio de Janeiro, precisa conhecer o Cristo Redentor e a praia de Copacabana; e é impossível turistar em Brasília sem conhecer a Praça dos Três Poderes. Ainda que faça desvios para atender um ou outro pedido do turista o objetivo principal é sempre cumprido. De modo semelhante age este professor. Ele define um objetivo e este vai dirigir todas as suas atividades didáticas.

Como diz Coleman Jr.¹³:

"Em toda situação de ensino da Bíblia devemos estar esperando que algo definido aconteça em consequência da aula... Existe alguma razão para que o estudo da Bíblia não alivie tristezas, aquiete ansiedades, renove a esperança, dissipe temores, destrua ídolos e leve o povo de Deus a servir como servos? Não, não há nenhuma razão para estas coisas não acontecerem. Contudo outra

¹¹ COLEMAN Jr., Lucien E. **Como Ensinar a Bíblia**. Rio de Janeiro – RJ: Editora JUERP. 1989. 2ª edição. p. 18.

¹² CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre – RS: L&PM, 1998. 172 p. il.

¹³ *Ibidem*, 1989, p. 110.

pergunta se evidencia: ‘Estamos empenhados em ensinar de tal forma que elas aconteçam?’”.

IV. O jardineiro

Para a maioria dos brasileiros, esta é uma profissão que só vemos em programa de televisão ou em revistas de decoração. Ser jardineiro é mais que ter uma linda rosa do deserto em casa ou um quintal com grama. “Um jardineiro prepara o solo, analisando suas características e realizando os ajustes necessários... O jardineiro deve monitorar cuidadosamente o nível de umidade do solo e ajustar a frequência e quantidade de água de acordo com as necessidades específicas das plantas... o jardineiro realiza a poda e a manutenção regular das plantas... [que] é essencial para controlar o crescimento e estimular a floração” (Quero Bolsa, 2023 – jardineiro).

O professor jardineiro sabe que “nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Co 3.7). Ele fornece os meios necessários (Bíblia, explicações, aplicações...), mas depende de Deus para convencer seus alunos “do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8). Ele prepara os alunos para o ensino do dia, traz lições relevantes no momento certo, estimula o desejo de crescer espiritualmente, desconstrói conceitos errados e conduz à maturidade cristã. O aluno sente-se cuidado, orientado e desafiado a frutificar. Ele não percebe em seu líder soberba ou arrogância, mas amor e dependência da graça de Deus.

Lucien Coleman Jr.¹⁴ faz a seguinte comparação:

Ensinar assemelha-se muito a prática da jardinagem. O jardineiro preocupa-se com o crescimento das plantas; o professor preocupa-se com o crescimento de pessoas. O jardineiro sabe estimular o potencial de crescimento que existe na semente; o professor sabe liberar o potencial de crescimento que existe no aluno. O jardineiro cuida bastante do ambiente que envolve suas plantas: ele propicia grande quantidade de luz solar, elevado teor de umidade e de nutrientes do solo. O professor propicia o clima que favorece o crescimento pessoal. Mais importante ainda é que tanto jardineiros quanto professores são ‘cooperadores de Deus’... O que se aplica a jardinagem se aplica também ao ato de ensinar. O professor que ignora princípios fixos de didática é como o jardineiro que planta tomates em meio à neve no inverno, esperando colher em vinte dias”.

Existe uma outra característica muito importante no professor jardineiro. Ele acompanha o crescimento de seus alunos, em outras palavras, ele os avalia. Ele não apenas aduba, lança a semente e rega; mas, está atento a todas as fases do crescimento. Se um aluno não se desenvolve como deveria, ele o acompanha de perto, muda as estratégias de ensino, fica com ele depois da aula. As necessidades nutricionais de cada planta são diferentes, bem como de cada aluno. Talvez determinado aluno precise entender melhor uma doutrina, outro não sabe como aplicá-la no seu

¹⁴*Ibidem*, 1989, p. 20

lar, e ainda outro acredita que isso não é relevante para ele. Como saber se a aula foi bem-sucedida, se alcançou-se os objetivos propostos sem uma avaliação? Através dela, as carências nutricionais são identificadas e pode-se agir pontualmente na resolução de problemas.

Como professor jardineiro por excelência, Jesus fez isso: “Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança... Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio...” (Ap 2.1-7). Jesus avaliou sua igreja e direcionou o que era necessário ela fazer. Lembrando que cada igreja recebeu uma avaliação diferente e orientações diferentes.

V. O psicólogo

De acordo com o blog vida saudável: “O psicólogo trabalha com o [...] desenvolvimento pessoal. Aqui, a terapia colabora para que você tenha um maior autoconhecimento sobre os próprios objetivos, sejam eles íntimos ou profissionais... ele trabalha o seu bem-estar emocional e psicológico”¹⁵. O professor psicólogo valoriza bastante as experiências pessoais. Ele ouve os alunos, busca o bem-estar deles, dá orientações para uma vida mais equilibrada e auxilia seus alunos a realizarem seus objetivos. A Bíblia é usada mais como um livro de autoajuda e a classe tem clima de terapia em grupo.

O problema aqui é que o convite bíblico não é “olhem para si mesmos”, mas “olhem para o Senhor” (Is 45.22); não é “ame a si mesmo”, mas “ame ao Senhor e ao seu próximo” (Mt 22.36-40). Para viver o evangelho de Cristo é necessária renúncia (Lc 9.23), mortificar a carne (Rm 8.13), diminuir (Jo 3.30) e disposição de perder a própria vida (Lc 9.24). Muitas vezes a santificação, a glória de Deus e a unidade do corpo de Cristo são colocados em segundo plano e o bem-estar pessoal ocupa a primazia. Aqui outro fenômeno religioso se coloca como uma armadilha para esse tipo de professor: a teologia do coaching. Segundo Alexandrino¹⁴ (Teologia brasileira, 2021), ela é pior que a teologia da prosperidade, uma vez que esta coloca em Deus a esperança de prosperidade material, mas aquela torna Deus um mero espectador do sucesso do homem. Pedro Pamplona¹⁵, teólogo que cunhou o termo, afirma que essa teologia tem como tripé o humanismo, materialismo e ceticismo, filosofias contrárias a doutrina cristã, onde o homem assumiu o trono e busca sucesso material sem a dependência de Deus.

Considerações finais

As cidades estão sob o olhar de Deus, porque Ele tem um plano específico para o contexto urbano do mundo em que vivemos. Deus almeja que as cidades sejam percebidas,

¹⁵ Blog Vida Saudável, 2022).

contempladas e amadas à maneira como Ele as vê e as ama, e essa visão revela a profunda missão que nos foi confiada: enxergar as cidades com os olhos do coração divino, reconhecendo nelas lugares de potencial, esperança e transformação. A missão urbana é feita por meio da Igreja de Cristo “Vós sois o sal da terra; se o sal perder o sabor, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta, a não ser para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” (Mt. 5.13-16). Que possamos nos comprometer em ser uma bênção urbana, em meio a um contexto tão hostil, porém, carente da misericórdia de Deus.

O artigo foi recebido em: 02/10/2025 e aprovado em: 15/10/2025.

Referências bibliográficas

- BAILEY, K. The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative. Downers Grove: InterVarsity Press. 2000. p. 214.
- BOSCH, D. J. Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission. Maryknoll: Orbis Books. 1991. p. 390.
- FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de etimologia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001
- KELLER, Tim. Quando Deus olha para a cidade. 1993, p.19
- LYRA, Sérgio Paulo Ribeiro. Cidades do Interior. Editora Betel Publicações, 2015. p 17.
- LEWIS, C. short, & Short, C. (1879). A Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press. p. 418.
- LOPES, Hernandes Dias. A Igreja de Cristo: essência e missão. São Paulo: Igreja Cristã Evangélica, 2014, p. 45.
- MENDES, Marcos. Igreja e cidade: vocação e missão. Ultimato, 2020, p. 11, 12, 14
- PETERS, George W. O Evangelho Eterno. Grand Rapids: Eerdmans, 1954, p. 29.
- RAMOS, Ariosvaldo. Ação da Igreja na Cidade. São Paulo, SP. 2009, p.9
- STOTT, John. A Igreja Viva: Convicções de um Pastor para Toda a Vida. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 119.
- SCHULTZ, Samuel J..The Prophets and Their Writings, 1954, p. 102
- WRIGHT, Christopher J. H. A Missão de Deus: Desvendando a Grande Narrativa da Bíblia. Grand Rapids: Zondervan, 2006, p. 124.

Missões, tecnologia e o alcance global na formação de discípulos

Tiago Alves¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os conceitos de missões e tecnologia e quais os impactos no alcance global na formação de discípulos para o reino de Deus. No mundo digital que vivemos, está cada vez mais comum termos a utilização da internet para vários fins, contudo, é necessário pensar na sua utilidade no mundo missionário e na sua aplicação na formação de discípulo de uma forma global. Podemos chegar à conclusão de que é possível usar a tecnologia para glória de Deus em prol da formação de indivíduos para o reino.

PALAVRAS-CHAVE

Missões;
Tecnologia; Discipulado;
Vida cristã.

Missões sempre norteou a vida da igreja, sendo relevante diante da mensagem do Senhor Jesus para fazer discípulos onde quer que estejam, e umas das principais missões da igreja, isto é, a de proclamar o evangelho do Senhor Jesus. Em seu livro *Faça Diferença*, R.C. Sproul afirma que todo cristão é um missionário², portanto, ao falar de missões, estamos retratando um campo que é dever de todo o crente.

Mas como estamos lidando com toda a tecnologia que hoje está a nossa disposição? Como é possível alcançar discípulos por meio delas? Neste artigo, proponho abordar da seguinte forma: Na primeira parte descrevo a definição de missão. É importante voltarmos ao conceito, não só teórico, mas também bíblico, demonstrando através da bíblia o Deus missionário que por meio da sua presença espalha sua glória nos povos. Na segunda parte, descrevo a definição de tecnologia em que exponho de maneira bíblica o fato de o Senhor ter nos dado toda a matéria-prima para desenvolver, ou seja, em última análise a tecnologia nos foi dada por Deus. Por fim, trato da relação do alcance global como um ato de fazer discípulos e a utilização da tecnologia para esse fim, mostrando que no fim tudo isso remete em glória para Deus.

I. Missões

As igrejas cristãs estão sempre em evidência quando o assunto é missões. Desde o Antigo Testamento, vemos um Deus que está em missão de resgatar e restaurar seu povo, como mostra a expansão da igreja no livro de Atos. Contudo, devemos nos perguntar: o que é missão? Qual é o sentido etimológico e bíblico dessa palavra tão usada no meio cristão? Segundo o dicionário da

¹ Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro; Mestre em estudos teológicos pelo SWBTS.

² SPROUL, 2021, p. 11.

Oxford University Press, essa palavra vem do latim *missio, ōnis*, que significa “ação de enviar, remessa, missão”. Ou seja, missão é uma “incumbência que alguém deve executar a pedido ou por ordem de outrem; encargo”. Em nossa língua portuguesa, a missão faz parte de uma incumbência que nos foi dada por alguém para cumprir. Sabendo disso, o que seria missão no contexto bíblico?

Segundo o autor Carriker, na bíblia ela possui o seguinte significado:

Para complicar, o termo “missão” não aparece na Bíblia; logo, não nos permite uma definição explícita. Sua referência mais próxima estaria associada ao verbo *apostellō*, traduzido pelas várias formas latinas: *mitter, missio, missiones* etc. Portanto, o termo tem algo a ver com o enviar de Deus. Mas resta saber ainda o conteúdo, o modo, o propósito e a razão desse “enviar”.³

Portanto, perceba que a palavra em si é abrangente, está ligada ao envio. Aquele que está em missão é enviado para um projeto, para um propósito, para um objetivo. Perceba que toda a narrativa bíblica envolve Deus em missão e Ele primeiro escolheu um povo para essa missão: Israel. Goheen irá argumentar que: “O povo de Deus, desde seu início, é um povo com um objetivo... – escolhido e graciosamente abençoado para que todos os povos possam conhecer a bênção misericordiosa de Deus”⁴. O povo de Deus não está sem expectativa ou sem nada para fazer, sua eleição requer responsabilidade e não apenas privilégios, o povo de Deus é chamado para abençoar as nações.

É interessante notar que o povo no Antigo testamento serve como um luzeiro para as nações pagãs. Wright conclui que:

Israel não viveu em um isolamento, selado a vácuo, do restante do mundo. Pelo contrário, os israelitas não podiam ter vivido em um palco internacional mais cheio. A terra de Canaã, como a terra que fazia ponte entre três continentes, era um verdadeiro concurso público das nações. A presença de Israel ali era internacionalmente visível.⁵

O povo de Deus está em missão sendo luz para as nações em um ponto central nas terras do oriente médio antigo. Goheen, ao citar Robert Martin-Achard, faz-nos lembrar que missão “é uma questão de presença – *a presença do Povo de Deus no meio da humanidade e a presença de Deus no meio de seu Povo*”⁶. No Antigo Testamento, Deus se faz presente no meio do seu povo, e a missão do povo é mostrar a glória de Deus por meio do seu cuidado zeloso e amoroso com seu povo. Analise o texto de Josué:

E lhes disse: Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra, e que o pavor que infundis caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados. Porque temos ouvido que o SENHOR secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito; e, também o que fizestes aos dois reis dos

³ CARRIKER, 2021, p. 24.

⁴ GOHEEN, 2021, p. 49.

⁵ WRIGHT, 2006, p. 467.

⁶ *Ibidem*, 2021, p. 55.

amorreus, Seom e Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra (Js 2.9-11, ARA).⁷

No contexto, Josué envia espias para Jericó para analisar a terra e Raabe recebe os espiões, já tendo ouvido falar do SENHOR e os feitos que ele tinha realizado no meio do seu povo. Diante disso, ao ver a presença do Senhor real com seu povo, Raabe reconhece sua grandeza. Richard Hess faz o seguinte comentário sobre o deslumbramento de Raabe pelos feitos de Deus:

A confissão cosmológica do versículo 11 é também uma confissão pessoal na qual Deus é descrito como vosso Deus. Esse aspecto prepara a fala de Raabe para a súplica que segue. Uma vez que o Deus dos espiões é o vencedor — no passado e no futuro — então Raabe deseja transformar sua fé em realidade mediante a obtenção de uma promessa pelo “lado vencedor”⁸.

A presença de YHWH no meio do seu povo como a missão de Deus no Antigo Testamento demonstra que o Senhor é o Deus que usa o seu povo para uma missão e essa missão tem como objetivo salvar pessoas de povos e culturas diferentes. Portanto, podemos terminar esse capítulo com a seguinte definição:

Missão tem a ver com atravessar fronteiras. Descreve toda a tarefa que Deus designou à Igreja para a salvação do mundo. É a tarefa da Igreja em movimento, da Igreja que vive para os outros, da Igreja que está preocupada não somente consigo mesma, que se vira “às avessas” (*Hoekendijk*) para [alcançar] o mundo... As fronteiras podem ser étnicas, culturais, geográficas, religiosas, ideológicas ou sociais. Missão ocorre onde a Igreja, no seu desenvolvimento total com o mundo e a compreensibilidade da sua mensagem, dá testemunho, por palavra e ação, na forma de um servo, com relação à descrença, exploração, discriminação e violência, mas também com relação à salvação, cura, libertação, reconciliação e retidão... Evangelização é mais do que um mero segmento de missão... é, antes, uma dimensão essencial da missão. É o âmago da missão cristã para o mundo...⁹

Concluimos que a presença do Senhor no meio do seu povo sempre foi um conceito que desde o Antigo testamento estava ligado ao alcance de outros povos. Deus ao se fazer presente com seu povo, traz Glória para si, e isso resulta em outros povos sendo alcançados, outras culturas sendo transformadas, outros indivíduos sendo libertos de suas vidas que antes estavam longes de Deus.

⁷ Almeida Revista e Atualizada

⁸ HESS, 2006, p. 83.

⁹ BOSCH, 1980, p. 17-18 *apud* CARRIKER, 2021, p. 25-26.

II. Tecnologia

Na seção anterior ficou definido a palavra missão e sua aplicação bíblica. Desta vez, será analisado o tópico central desse artigo, mas antes, é necessário fazer uma análise bíblica do conceito do mandato cultural e depois a definição da palavra. Vejamos a seguir.

Quando falamos de tecnologia precisamos pensar na criação de Deus. Pode parecer um absurdo para alguns, pois ainda há no mundo evangélico quem entenda que esse pensamento não é preciso, porém, o texto de Gênesis 2.15 nos apresenta algumas pistas dessa verdade. Veja: “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (ARA)¹⁰. A palavra cultivar no hebraico é **עבד**, que tem o significado de “trabalhar, servir”¹¹. Waltke vai fazer o seguinte comentário sobre esse verso: “O trabalho é dom de Deus, não um castigo pelo pecado. Mesmo anterior à queda, a humanidade tem deveres a cumprir”¹². Podemos ver claramente que o trabalho é uma dádiva e foi dado ao homem e mulher a prerrogativa de desenvolver toda a obra prima que o Senhor havia dado para Adão e Eva no jardim.

Isso implica o desenvolvimento da cultura, pois eles possuíam tudo no jardim para que pudessem desenvolver uma cultura que servisse e honrasse a Deus. Claro, para concluir esse parágrafo, precisamos definir a palavra “cultura”, que tem tudo em comum com nosso assunto tratado. Veja a definição que Stranger nos traz:

Se você gosta de etimologia (o estudo das palavras e de suas origens), é útil saber que a palavra “cultura” em sua forma original tem três sentidos com raízes no latim. *Colere*, que refere-se a agricultura. Tem a ver com cultivar a terra para que ela produza. *Colonus*, que está ligado à ideia de habitar algo. E, finalmente *cultus*, que se relaciona com honra e adoração.¹³

Partindo desse pressuposto, podemos então entender que se hoje temos a tecnologia como ela é, significa que foi fruto da produção do desenvolvimento da matéria prima que o Senhor deixou justamente para que homem e mulher pudessem produzir na criação. Logo, a tecnologia é fruto da graça de Deus e da construção das mãos humanas na criação Dele. De agora em diante, veremos sua definição e desdobramentos da cultura com a tecnologia.

Segundo a definição, Reinke comenta o seguinte:

Tecnologia é ciência aplicada e poder amplificado. É arte, método, know-how, fórmulas e expertise. A palavra tecnologia vem da raiz *techné* ou técnica. Ampliamos nossos poderes nativos por meio de novas técnicas¹⁴.

¹⁰ Almeida Revisada e Atualizada

¹¹ HARRIS; ARCHER JR, WALTKE. 1998, p. 1553.

¹² WALTKE; FREDERICKS, 2019, p. 103.

¹³ STRANGE, 2021, p. 25.

¹⁴ REINKE, 2022, p. 11.

É interessante notar como Reinke relaciona isso com exemplos do texto bíblico para demonstrar de que forma o passar dos anos potencializou as coisas na sociedade. Ele apresenta desde o Dilúvio com Noé e os animais, quando Deus entrega um navio para que eles escapem¹⁵, ao exemplo da torre de Babel, quando os homens tentam construir um grande prédio para chegar aos céus, e hoje temos elevadores grandiosos em Dubai¹⁶. Todos esses exemplos são maravilhosos para mostrar o quanto a tecnologia avançou nos últimos anos e isso não é um problema.

Ainda dentro da definição Shatzer em seu livro *Transumanismo*¹⁷, há uma definição útil de como temos usado a palavra “tecnologia” de duas formas:

Por um lado, tecnologia se refere a ferramentas que os humanos criam para atingir um objetivo qualquer. Um martelo, por exemplo, é uma tecnologia. Os óculos são uma tecnologia. Por outro lado, quando usamos a palavra tecnologia hoje, com frequência nos referimos à tecnologia digital. Se uma amiga lhe diz que curte muito tecnologia, ela está se referindo a dispositivos, ou gadgets digitais, e não a ferramenta de jardim¹⁸.

Mas será que a tecnologia tem alguma coisa a ver com Deus? É possível relacionar nossa fé com ela? Reinke sugere algumas posições de como devemos lidar com isso, veja:

Os únicos sobreviventes do dilúvio foram Noé, sua família, dois animais de cada tipo e a própria arca — a conquista tecnológica mais incrível da história da humanidade até aquele momento, uma junção de todas as tecnologias de construção anteriores ao dilúvio — transportada e preservada para uma nova era. A arca ajudou a inspirar os avanços tecnológicos que levariam ao desejado zigurate de Babel.¹⁹

Podemos observar como o autor trabalha o conceito de que Deus foi quem deu a grande ideia de se trabalhar com tecnologia, construindo um navio gigante para livrar Noé e sua família do dilúvio. Ideia essa, que mais tarde foi absorvida pelos construtores da torre de Babel que não queriam mais passar pelos mesmos problemas no passado. Com isso, sabendo que o dilúvio devastou o mundo antigo, como resultado usaram tecnologia semelhante, ou seja, betume e piche, que foi usado tanto na Arca como agora na construção de Babel²⁰. Embora a tecnologia seja boa, como no caso que livrou Noé e sua família de morrerem afogados, o povo de Babel tenta viver de forma autônoma, ocasionando na aplicação do juízo de Deus, pois a tecnologia em Babel foi usada de maneira errada. Reinke comenta:

Deus avaliou a torre e espalhou os seres humanos pelo globo. Este julgamento trouxe duas mudanças sísmicas. Primeiro, ao multiplicar as línguas e espalhar a humanidade pelo mundo, Deus introduziu novas redes e tecnologias globais de

¹⁵ *ibidem*, 2022, p. 11.

¹⁶ *ibidem*, 2022, p. 12.

¹⁷ A palavra segundo o conceito apresentado pelo livro significa: “movimento transumanista procura aperfeiçoar a inteligência humana, a força física e os cinco sentidos por meios tecnológicos”.

¹⁸ SHATZER, 2023, p. 31.

¹⁹ *ibidem*, 2022, p. 34.

²⁰ *Ibidem*, 2022, p. 33-34.

comunicação, viagens e correspondências. Essas indústrias agora seriam inevitáveis. Segundo, ao multiplicar as línguas e espalhar a humanidade pelo mundo, ele introduziu novas tensões globais entre os humanos que ajudariam a nos proteger de nossas futuras inovações tecnológicas²¹.

Deus age para que os homens não tornem essa realidade de autonomia real, confundindo suas línguas, fazendo agora com que o homem tenha apenas verdades parciais da realidade²². Então, logo vem o pensamento que talvez Babel foi um problema, que não tem solução, que não estava no script, mas Reinke continua nos orientando:

Ao multiplicar as culturas, Deus codificou no drama da humanidade diferentes maneiras de pensar e se relacionar com o mundo. Essas diferenças são tão potentes que nos impedirão de adotar qualquer tecnologia única para o mundo todo. Babel não foi um acidente. Babel foi o produto da aspiração e da inovação do homem, que Deus desde o início pretendia hackear para criar todas as culturas da terra e estabelecer uma subversão global que quebraria a aspiração humana e minaria a adoção universal de uma só tecnologia no futuro²³.

Portanto, concluímos a seguinte forma de como Deus se relaciona com a tecnologia:

Qual é a relação de Deus com a inovação e a tecnologia humana? Em Noé, ele a ordenou. Na arca, Deus pegou a engenharia humana e a tecnologia e as inscreveu na grande história da redenção. Mas, em Babel, Deus a esmagou. Diante da vanglória humana, ele introduziu as tensões que frustraram totalmente a colaboração humana.²⁴

Perceba que a tecnologia não está acima de Deus, Ele é transcendente sobre sua criação, todas as vezes que tentarmos alcançar autonomia com as nossas tecnologias, também teremos nos planos fracassados. Deus não tem nenhum problema com ela, até porque ele a usou para livrar o teu servo, no entanto, não podemos colocá-lo no depósito do vale do silício e dizer para Ele ficar lá. A rebelião e o pecado têm nos impedindo de usar a tecnologia de forma correta, e com isso estamos pensando mais em construir uma cultura longe de Deus. Os seguidores de Jesus têm sido afetados, com isso, a pergunta seria: de que forma podemos resolver esse problema? No capítulo abaixo falaremos mais sobre o assunto.

III. Alcance global na formação de discípulos

Conforme as seções acima, foram definidos os conceitos de missões, tecnologia e a relação de Deus. Neste instante, vamos analisar o alcance na formação dos discípulos de Jesus. Temos dois textos bases que norteiam a ida e o discipulado dos povos e as culturas. O primeiro se encontra em Mateus 28. 12: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em

²¹ *Ibidem*, 2022, p. 35.

²² *Ibidem*, 2022, p. 38.

²³ *Ibidem*, 2022, p. 36.

²⁴ *Ibidem*, 2022, p. 39.

nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (ARA)²⁵, e o outro se encontra em Atos dos Apóstolos:

[...] mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra (Atos 2.8, ARA).²⁶

Ambos os textos envolvem comprometimento dos discípulos na transmissão da mensagem e do discipulado em todos os lugares que estiverem. O texto de Atos envolve um campo mais amplo onde essa mensagem deve atingir, ou seja, a mensagem e o discipulado vai além das fronteiras do meio convívio social, onde outras culturas precisam ser impactadas pela mensagem. É justamente nesse ponto que precisamos olhar para cultura e observar a sua importância para a transmissão da mensagem. Segundo pesquisas recentes, somente no Brasil temos mais de 152 milhões de pessoas conectadas²⁷, no mundo estamos nos aproximando de 5 bilhões de pessoas ao redor do globo que estão na internet²⁸.

Com toda a facilidade de acesso geográfico virtual, é possível alcançar pessoas e modelar Cristo nelas? Diante do alcance global, ficou cada vez mais claro que é possível tornar a mensagem acessível, no entanto, será que ela se torna um discipulado? No entanto, qual é o significado da palavra “discípulo”? Ela se origina da palavra grega μαθητής “mathetes” que significa “aluno, aprendiz”²⁹. No mundo grego, o conceito era de “dirigir a mente de alguém para alguma coisa”³⁰, mas também denota que esse aluno está comprometido com esse ensino³¹. É interessante entender que no Novo Testamento o discípulo era quem escolhia o seu professor, ou seja, seu mestre. No entanto, quando lemos a chamada dos doze, podemos perceber que Jesus é quem chama, ou seja, quem escolhe seus alunos para segui-lo³². Toda a iniciativa é Dele. Quando falamos de discípulo, precisamos falar da relação desse discípulo com o seu mestre, onde o Novo Testamento apresenta primeiramente como um compromisso com a pessoa de Jesus. Segundo a obediência à Jesus, largar tudo por ele, e terceiro, a obrigação de sofrer³³. Perceba que nos processos de discipulado não apenas recebemos conteúdo, mas também é exigido compromisso, obediência e sofrimento com

²⁵ Almeida Revisada e Atualizada.

²⁶ Almeida Revisada e Atualizada.

²⁷ <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/pesquisa-aponta-que-81-dos-brasileiros-com-mais-de-10-anos-usam-a-internet/>

²⁸ <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/>

²⁹ Rengstorff, K. H. manthánō, katamanthánō, mathētēs, symmathētēs, mathētria, mathēteúō. in: KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013, p. 612.

³⁰ *ibidem*, 2013, p. 614.

³¹ *ibidem*, 2013, p. 616

³² *ibidem*, 2013, p. 620-621.

³³ *ibidem*, 2013, p. 621.

Cristo. O papel na formação do discípulo envolve esses elementos, e se o tirarmos não faremos discipulado. A fidelidade ao Senhor e à sua mensagem é o que deve nortear aqueles que querem implementar tecnologias para alcançar discípulos globais. Não há nenhum erro nisso, o problema está quando buscamos autonomia e buscamos construir nossos próprios castelos e torres para assim dizer ao Senhor que não precisamos dele.

Considerações finais

Missão está no contexto de todo o Antigo testamento e Novo testamento. Deus é um Deus missionário que enviou o seu Filho e agora sua igreja para proclamar a sua glória por meio do Filho. A tecnologia nada mais é do que uma ferramenta dada pelo próprio Deus que criou todo esse universo para que a sociedade pudesse se desenvolver e ser um instrumento da proclamação da Glória de Deus. Não podemos pensar que ela não tem utilidade, ou que só é útil para o mundo corporativo e entretenimentos, mas sim, que pode ser utilizado como agente de Deus para a produção de discípulos para o reino.

Hoje, por meio da tecnologia não só podemos ensinar a bíblia, como também outras áreas da ciência para que o indivíduo possa se desenvolver como ser humano. Cabe a nós saber utilizá-la para que a glória de Deus seja espelhada pelas nações através do bom uso de tais ferramentas. Como seus discípulos que proclamam sua glória e excelência, devemos nos privar da mediocridade, da exclusão da tecnologia e usá-la com sabedoria para que o mundo possa ver a glória de Cristo.

Podemos hoje, por meio de tal ferramenta, alcançar povos e pessoas que nunca imaginávamos antes, e assim, tornar um instrumento que pode facilitar a formação de discípulos saudáveis em alcance global pelo mundo afora. Adoramos a Deus quando estamos produzindo tecnologia. Que Deus nos dê sabedoria e estratégias para continuar proclamando sua glória até que Ele venha.

O artigo foi recebido em: 02/05/2026 e aprovado em: 02/07/2026.

Referências bibliográficas

- CARRIKER, Timóteo. O Propósito de Deus... e a nossa Vocação: Uma teologia bíblica da missão toda. Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2021.
- GOHEEN, Michael W. A Missão da Igreja Hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2021.
- HESS, Richard. Comentário de Josué. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason; WALTKE, Bruce K. Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida nova, 1998.
- KITTEL, G; FRIEDRICH, G; BROMILEY, G. W. (Orgs.), Dicionário Teológico do Novo Testamento. Vol. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.
- REINKE, Tony. Deus, tecnologia e a vida cristã. São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2022.
- SPROUL, R. C. Faça a diferença: O impacto do cristão na cultura e na sociedade. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021.
- STRANGE, Daniel. Conectados. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021.
- SHATZER, Jacob. Transumanismo e a imagem de Deus: A tecnologia de hoje e o futuro do discipulado cristão. São Paulo: Edições Vida Nova, 2023.
- WRIGHT, Christopher J. H. The Mission of God. Lisle, Illinois: IVP Academic, 2006.
- WALTKE, B. K; FREDERICKS, C. J. Gênesis. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.

RESENHA

MALTRAPILHO, Léo. **Teologia da favela**: ensaio sobre fé em Deus, nossos corpos e territórios. Léo Maltrapilho (org.) São Paulo: Editora Recriar, 2024. ISSN 2965-5234

Leonardo Camargo de Almeida, também conhecido como Léo Maltrapilho, 37 anos, nascido no complexo de Trindade em São Gonçalo (RJ), tendo morado em diversas favelas do Rio de Janeiro e bairros dos subúrbios carioca, atualmente mora no complexo do Roseiral em Belford Roxo, Baixada Fluminense. Formado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana (FTSA), pós-graduado em missão integral e direitos humanos pela Casa de Vida em parceria com a Faculdade Celso Lisboa, Educador Social atualmente com projeto BXDViva no sistema socioeducativo, articulador comunitário da corrente solidária no combate a insegurança alimentar no território e integrante do Odarah Cultura e Missão, além de garantir a segurança alimentar de famílias nas favelas.

A obra em apreciação pertence a categoria teológica de Missão Urbana a partir de uma perspectiva particular centrada na corporalidade e territorialidade das favelas do Rio de Janeiro como um lugar teológico que surge no contexto da experiência de resistência das populações negras, na produção histórica dos espaços de socio exclusão e violência, bem como na luta contra a opressão, o racismo e a marginalização nos seus processos de favelização. A partir de diálogos referenciados na experiência e formação acadêmica com outros pastores, educadores e missionários que contribuem para um pensar teológico urbano, tais como: Gabriella F. N. Vicente, sanitarista, escritora e professora; Leonardo de Paula, integrante dos coletivos Movimento Negro e Evangélico; Débora Amorim, educadora popular e militante de direitos humanos, raça e gênero; Pastor Júlio de Oliveira, Presidente do Instituto Casa Comum e Mobilizador Comunitário no Morro do Escadão em São Gonçalo (RJ); Liz Guimarães, educadora popular e integrante da Rede de Mulheres Negras Evangélicas; Jackson Augusto, coordenador geral do Programa Martin Luther King e integrante do Movimento negro evangélico, entre outros que fazem parte da obra, Léo procura apresentar uma análise sócio missiológica do valor da pessoa, enquanto morador favelizado pelo estigma de uma cultura perversa que se opõe ao Cristo urbano que propõe a inserção do indivíduo, a partir do que podemos chamar de “urbanização espiritual”, no Reino de Deus inserido teologicamente no reino das trevas, objetivando resgatar a consciência cristã para uma participação mais efetiva da igreja, como povo do Reino, no combate pelos direitos humanos enquanto valor importante para o Rei do Reino. Para esta construção de uma consciência centrada na missão, questões como: Migração da fome; a boa nova na favela carioca; as boas novas se chamam Políticas

Públicas; periferia e rap por um prisma teológico; teologia do papo-reto; o evangelho dos que não eram para ser, entre outras, são levantadas em paralelo com as experiências dos personagens das Escrituras Sagradas, tais como profetas e reis escolhidos por Deus, que tiveram suas histórias sociais desafiando suas certezas de que Deus se preocupa com a cidade e ama significativamente aqueles que nela moram para lhes permitir o direito à respeitabilidade em suas ações sociais, bem como uma melhor qualidade de vida a partir de Políticas Públicas justas, justificando o diálogo sócio teológico, proposto nas entrelinhas dos textos, construído a partir do pensar de Deus, de forma exclusiva, sobre a favela, núcleo marginalizado da cultura urbana.

Tendo como tese central a Missão Urbana, a obra nos chama a atenção, como indica o Pastor Plínio (2024, p. 35) “É preciso considerar a fome de afeto das pessoas em situação de rua, exorcizar o demônio da fome, o demônio da falta de políticas públicas efetivas, expulsar o demônio do racismo, da discriminação, da invisibilidade, dos demônios que invadem as comunidades com violências, legitimados pelo Estado” para um possível pensar sobre um paralelismo entre a tradicional teologia dogmatizada pela história da Igreja, que prioriza uma Escatologia Urbana e um raciocínio teológico contemporâneo politizando a Missão Urbana. Uma proposta de Teologia Pública percorre todos os artigos da obra permitindo uma abordagem descentralizada da Teologia Denominacional, levando-se em consideração que, segundo o pensar comum dos autores, Deus não é cristão e nem pertence a nenhuma religião e que a espiritualidade é muito mais significativa e com muito mais camadas do que julga o nosso racismo religioso incrustado na formação social do nosso pensamento. Ainda que, com ressalvas, eu concorde que Deus é uma pessoa historicamente de domínio público, e que o pensar sobre Deus e Sua preocupação com o homem nas mais diversas inserções urbanas é legítimo, a obra permite o risco de uma polarização teológica a partir da ideia de que ao longo de sua história a Igreja não se preocupou com o homem em seu meio social, o que, de fato, não procede, basta olhar para a vida de teólogos e missionários como: Hudson Taylor, Madre Teresa de Calcutá, William Carey, João Calvino, entre tantos outros que tiveram suas vidas gastas em preocupação e cuidado com a cidade. A relevância da obra está no fato de que permite uma reflexão sobre a contextualização da mensagem de um evangelho integral, e isto com uma linguagem acessível a todas as pessoas, o que auxilia na compreensão da ideia principal que pode ser resumida como sendo a ideia de um Cristo Urbano em uma Missão Urbana, ou seja, um pensar cristológico sobre a favelização urbana como espaço teológico.

A obra é indicada como leitura complementar, junto a outras do mesmo tema, para os alunos da disciplina de História de Missões, bem como Missão Urbana e Teologia da Missão Urbana, agências missionárias centradas na preocupação evangelística da cidade e suas periferias, pastores, igrejas e seus membros cujo interesse, também, esteja voltado para a Missão Urbana,

ressalvada a orientação de uma leitura paralela e necessária sobre história missionária da Igreja e Teologia Sistemática, o que ajudará no equilíbrio do pensar evangelístico e permitirá um melhor desenvolvimento de um censo crítico saudável a respeito da missão da igreja.

Me. José Eduardo Gomes

RESENHA

KELLER, Timothy. **Pregação**: comunicando a fé na era do ceticismo / Timothy Keller; tradução de A. G. Mendes. - São Paulo: Vida Nova, 2017. ISSN 2965-5234

Timothy Keller estudou na Bucknell University, no Gordon-Conwell Theological Seminary e no Westminster Theological Seminary. Durante muitos anos, foi pastor da Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, igreja que fundou em 1989 com sua esposa, Kathy, e seus três filhos. Keller foi autor best-seller do The New York Times e escreveu diversos livros, entre eles: A Fé na Era do Ceticismo, Deuses Falsos, Ministérios de Misericórdia, Oração e outros publicados no Brasil pela editora Vida Nova.

Keller escreveu o livro *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo* com o objetivo de auxiliar pastores, líderes e leigos na construção de um sermão que apresente o evangelho de modo convidativo, apaixonado e compassivo. O livro é organizado em três grandes temas trabalhados ao longo de sete capítulos seguido de um apêndice, onde o autor apresenta um passo a passo de como elaborar um sermão, colocando em práticas as ideias trabalhadas ao longo dos capítulos; excelente para quem quer aprender a apresentar Jesus em uma era marcada pela modernidade tardia, termo utilizado pelo autor para se referir a pós-modernidade.

O livro é dividido em três partes: a primeira parte (Servindo a Palavra) que compreende do primeiro ao terceiro capítulo, a segunda parte (Alcançando as pessoas) que vai do capítulo quarto ao sexto e, por fim, a terceira parte (Em demonstração do Espírito e de poder) composta pelo capítulo sete.

No capítulo um, Keller descreve os tipos de pregação existentes (expositivo, evangelístico, catequéticos, festivos e proféticos) e apresenta seis razões pelas quais entende ser o sermão expositivo aquele que melhor atende a finalidade de pregar a Palavra de Deus de maneira que os ouvintes percebam a autoridade do próprio texto bíblico: 1) nos leva ao exercício da nossa crença em toda Bíblia como sendo Palavra de Deus revestida de autoridade, 2) faz com que compreendamos que essa autoridade reside no fato de que o próprio Deus está se comunicando conosco através do texto bíblico, 3) faz com que Deus conduza a agenda da comunidade, 4) permite que o pregador não sucumba a tentação de adaptar demais a mensagem a cultura ao mesmo tempo que o leva a tratar de assuntos pelos quais desejaria evitar se dependesse de sua liberdade de escolha, 5) ensina as pessoas a perceberem os detalhes do texto bíblico exposto, 6) o sermão expositivo é o modelo pelo qual as pessoas possuem mais facilidade de enxergarem o tema principal da Bíblia: o evangelho de Jesus Cristo.

Na sequência, no capítulo dois, o autor destaca que a mensagem central de toda a Bíblia é a de que a salvação vem exclusivamente do Senhor e não de nós mesmos, e esta ocorre unicamente por meio de Jesus, o qual depositamos nossa fé e produz boas obras e transformação de vida; sendo que essa mensagem precisa estar clara em toda pregação e, ao mesmo tempo, não caia nos extremos do legalismo e do antinomismo. Keller argumenta, ainda, que a Bíblia se trata de uma grande história cujo clímax e desfecho se dá em Cristo e, por essa razão, devemos pregá-lo em toda Escritura.

Dando continuidade à ideia iniciada no fim do capítulo dois, Keller apresenta no capítulo três seis maneiras básicas de pregar Cristo em toda Escritura: 1) pregue Cristo em cada gênero ou seção da Bíblia, 2) pregue Cristo em cada tema da Bíblia, 3) pregue Cristo em cada personagem bíblico, 4) pregue Cristo em cada grande imagem (tipos, símbolos, objetos, padrões) da Bíblia, 5) pregue Cristo em cada enredo de libertação (morte ou triunfo através da fraqueza), 6) pregue Cristo pelo instinto. Tais formas, de acordo com o autor, farão com que, ao olharmos para qualquer texto bíblico, enxerguemos a presença de Jesus em todos os momentos da história da salvação.

O capítulo quatro é utilizado pelo autor para demonstrar a importância de pregar Cristo a cultura a partir da contextualização do evangelho, em um movimento de aproximação (identificação) e confronto, de modo a levar o ouvinte da modernidade tardia a compreender a mensagem, trazendo como exemplo de contextualização a passagem de Atos 17 onde o Apóstolo Paulo prega no Areópago, em Atenas. Ao final, Keller dá dicas para pregar a cultura e alcança-la e adverte sobre dois perigos: i) contextualizar demais e comprometer o conteúdo real do evangelho, ii) não contextualizar o evangelho e soar obsoleto e distante da cultura.

A necessidade de contextualização do evangelho é explicada com detalhes no capítulo cinco, onde o autor falará acerca da mente moderna tardia, que se depara com as narrativas pós-modernas que se apresentam em contraposição ao evangelho, e o segredo em pregar para esse público está, justamente, na identificação dessas narrativas e apresentando como o evangelho responde a elas; sempre com amor, humildade e sinceridade.

No capítulo seis, Keller argumenta que pregar a palavra contextualizando o evangelho a cultura é necessário, mas só isso não é suficiente. É necessário pregar aos corações, o que implica trabalhar a imaginação dos ouvintes, trazendo a realidade cotidiana para a pregação conectando-os com o que está sendo falado. Para que se alcance êxito nesse sentido, é necessário que o pregador: seja verdadeiro e genuíno em suas palavras, utilize ilustrações visando conectar as pessoas com a mensagem a partir de experiências do dia a dia, ser tomado pelo maravilhamento das boas novas, demonstrando repertório e oralidade em sua exposição e, por fim, apontando o sermão para Cristo.

No último capítulo da obra, o autor deixa claro que a pregação precisa convidar o Espírito Santo para operar através dela, manifestando o seu poder; e isso só é possível a partir do momento que o pregador experimenta isso primeiramente em sua vida. Keller traz o exemplo de grandes pregadores, como o Apóstolo Paulo e George Whitefield, para ilustrar como seus sermões eram acompanhados pela manifestação do Espírito Santo.

Ao final do livro, há um apêndice onde Keller demonstra, na prática, sua jornada de elaboração de uma pregação expositiva, que, basicamente, passa por quatro etapas: 1) o entendimento do objetivo do texto a ser pregado expositivamente, 2) a escolha do tema principal a partir da ideia principal do texto estudado, 3) a criação da estrutura do sermão a partir de um esboço que conecte cada tópico a sua ideia central, 4) materializar os pontos trazidos pelo sermão através de ilustrações, exemplos e argumentos que facilitem a compreensão do ouvinte acerca da mensagem exposta pelo pregador.

A obra de Tim Keller, sem sombra de dúvidas, é uma referência no campo da homilética, principalmente por sua perspectiva missional e cristocêntrica, cuja leitura se revela importante a todos aqueles que desejam comunicar o evangelho de maneira eficiente em um mundo pós-moderno. A interpretação da cultura é essencial para que a pregação alcance o público contemporâneo, que se revela cada vez mais resistente a qualquer autoridade e coloca em xeque as grandes narrativas, em especial a metanarrativa bíblica. A apresentação prática do modo como Keller elabora seu sermão e concatena as ideias a serem trabalhadas podem ser facilmente constatadas em seus sermões disponíveis no YouTube, mensagens em que se verifica, claramente: a exposição do texto bíblico, a exegese cultural, a comunicação ao coração e Cristo ocupando a centralidade de todo o sermão. O autor utiliza na obra o tom pastoral que lhe é peculiar, tornando-a convidativa ao leitor e levando-o a uma reflexão profunda acerca da importância de uma pregação que exponha fielmente a Palavra, fale aos corações e convide o Espírito Santo para manifestar seu poder.

Me. Lincoln Almeida Rodrigues

RESENHA

PORTO, Allen. **Produtividade Redimida**. São Paulo: Editora Fiel, 2024. ISSN 2965-5234

O Mestre Allen Porto, é mestre em Teologia Sagrada (STM) pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ), onde também serve como professor. É também professor de Teologia na FITRef e no STNe. O autor é pastor presbiteriano – pastor na Igreja Presbiteriana de Barretos (SP), casado com Ivonete e pai de Matias, Lúcia e Mel. Articulista e escritor, escreve no blog A Bíblia, o Jornal e a Caneta desde 2005.

O problema é o coração. Não é a falta de tempo, não é a falta de um método de organizar a vida; o problema reside – e resiste, no fundamento, no alicerce, no coração.

O livro aborda a questão da produtividade de uma maneira ímpar. O autor trata como um sábio conselheiro da questão das motivações, do porquê fazemos o que fazemos. De maneira profundamente bíblica e pastoral, de forma clara e fluida ele nos acolhe como em seu gabinete, no levando a um autoexame a luz das escrituras sagradas. E é dessa forma, com destreza e cuidado que o autor nos conduz ao exame do nosso próprio coração. O livro aponta como a busca incessante para produzir mais e melhor pode ser pecaminoso, como nosso perfeccionismo não mais é do que um culto a divindade entronizada em nosso coração. Desde as páginas iniciais somos esmagados por verdades que, embora ditas com leveza, nos constrange, nos leva a reflexão.

Mas a proposta não é por uma vida improdutiva, mas por uma produtividade redimida., que respeite limites físicos, que reserve o descanso necessário, que busque a glória de Deus.

O livro não é um manual, um conjunto de regras para produzir mais, não trata os sintomas, mas direciona para o reconhecimento da causa, o ver. Allen nos desafia a “alinhamos o coração com Deus” e a partir dEle, e por Ele, sermos movidos por produzir para o louvor da Sua glória.

Embora não seja um guia para produzir mais e melhor, o autor não se priva de a luz de sua experiência, nos indicar caminhos para uma vida mais bem administrada, na segunda e terceira partes do livro, o autor nos apresenta caminhos práticos para organização da vida, para uma melhor administração do tempo. O autor começa por listar coisas importantes que precisam ser devidamente organizadas, o que é fundamental para redimir nossa produtividade, e ele nos apresenta o nosso caderno como uma arma para redimir a lista de tarefas.

Na terceira parte do livro, intitulada uma vida produtiva, ele nos conduz a pensar numa mudança de paradigma, rever conceitos arraigados na sociedade atual do que é ser produtivo, ter sucesso e coisa do tipo, onde somos apresentados a sua definição de sucesso, “sucesso não é

conquistar muito. Sucesso é cumprir o que Deus nos chamou para fazer, ainda que não vejamos resultados imediatos disso”.

Nos conduzindo a pensar em formas de redimir nossa produtividade, apontando a instabilidade e inconstância como fatores que comprometem o cumprimento do nosso chamado, da nossa vocação. O autor nos desafia a rever nossos maus hábitos e substituí-los por hábitos saudáveis, com vista a cumprir com excelência a vocação.

No capítulo 10, caminhando para final da obra destacando que uma vida piedosa é que é a verdadeira produtividade, uma vida que tem Deus como referência, como ele diz, uma vida vivida em teoreferência, tendo Deus como a referência para cada ação. E, vivendo a vida dessa forma, olharemos para o outro, que deve ser o porquê – a parte de Deus – de buscarmos ser produtivos, de cumprir nossos propósitos.

Por fim, o livro encerra, iniciando o último capítulo com o relato de mais uma experiência relevante do autor, onde ele registra que, o temor de homens fazia com que algumas tarefas se tornassem pesadas além da conta. Ao fim e ao cabo, o autor encerra como começou, nos desafiando a redirecionar o nosso coração, andarmos com Deus para que nosso coração esteja alinhado com Ele, e assim, somente assim, alcançaremos o objetivo de uma produtividade redimida, e cumpriremos nosso propósito, o fim de cada homem, viver para glória de Deus e gozá-lo plenamente.

Me. Wellington da Silva Barbosa

Idealização:



betel brasileiro
CETEMIBB

Centro de
Educação
Teológica e
Missiológica

Apoio:



Betel
publicações